



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

3.º BIMESTRE - 2014

LP9

GINÁSIO CARIOCA

ESCOLA MUNICIPAL: _____

NOME: _____ TURMA: _____

EDUARDO PAES

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

REGINA HELENA DINIZ BOMENY

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

JUREMA HOLPERIN

SUBSECRETARIA DE ENSINO

MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

MARIA DE FÁTIMA CUNHA

COORDENADORIA TÉCNICA

GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR

ORGANIZAÇÃO

GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR

SARA LUISA OLIVEIRA LOUREIRO

ELABORAÇÃO

CATHARINA HARRIET BAPTISTA

LEILA CUNHA DE OLIVEIRA

REVISÃO

FÁBIO DA SILVA

MARCELO ALVES COELHO JÚNIOR

DESIGN GRÁFICO

EDIOURO GRÁFICA E EDITORA LTDA.

IMPRESSÃO

Agradecimentos especiais:

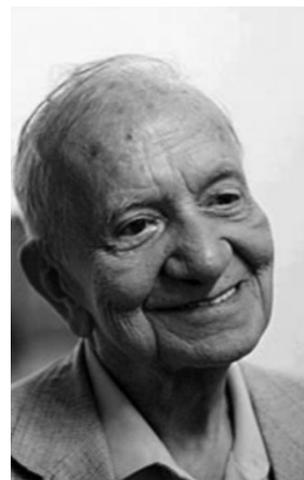
Maria Quitéria de Souza Gomes Monteiro

Margareth de V. A. Magalhães

Nathali Ramos Moura

Felipe Gustavo Costa de Oliveira

Anna Martha Rosa Gama



frasesdepensadores.com.br



jd.up



culturalivre.net

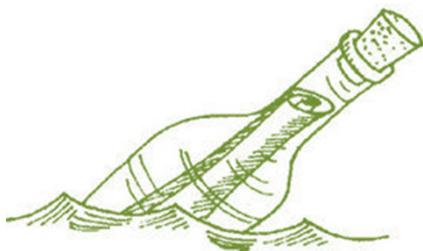
Olá, aluno(a) do nono ano! Bem-vindo(a) ao terceiro bimestre! Para começar, um desafio de escrita...Leia o texto abaixo e inspire-se: que mensagem você deixaria numa garrafa jogada ao mar? Escreva-a no papiro.

Fábula

Jorge Miguel Marinho

João escreveu três palavras, colocou-as numa garrafa, tampou e atirou tudo ao mar. Não se sentiu menos anônimo nem a existência melhor. Porém a sensação de abreviar espaços e aproximar pessoas o invadiu. Quando João escreveu as três palavras que um dia alguém encontrou e pouco entendeu porque apenas diziam “Eu estou aqui”, comungou com todas as mãos e todas as letras de todos os tempos o primeiro “sentido” de escrever.

http://www.alb.com.br/boletim/boletim022_outubro2008.asp



<http://www.recantodasletras.com.br/poesias/4455556>



http://br.freepik.com/fotos-gratis/papiro_618059.htm





A força da palavra... Agora que a experimentou na sua escrita, continue lendo e aprendendo...
Você tem sido estimulado a ler cada vez mais e a perceber como a nossa língua portuguesa é utilizada nos diversos textos que leu. Neste caderno, não será diferente. Você vai perceber os recursos linguísticos utilizados em cada texto. E como a língua portuguesa é rica em recursos!

Você vai mergulhar, mais especialmente, no universo dos **TEXTOS LITERÁRIOS**. No 1.º e no 2.º bimestres, alguns conceitos referentes à linguagem literária já faziam parte dos cadernos de apoio. Vamos, então, retomá-los com outros textos, de vários gêneros e temas/assuntos. Poemas, letras de canções, crônicas, contos e romances serão os gêneros principais. Desta vez, o fio condutor do caderno será o modo de utilizar a língua portuguesa – para emocionar, convencer, criticar, contar... para dizer.

Aproveite! A cada texto você vai se tornando ainda mais competente na leitura.

Vamos ler algumas definições... Veja que interessante! Estes textos são de Mario Quintana, um dos maiores poetas brasileiros.

Ele nasceu em Alegrete, no Rio Grande do Sul, em 1906, e faleceu em Porto Alegre, em 1994.

TEXTO 1

Texto I - Idade

Estou nessa idade em que o juiz consulta o relógio e as arquibancadas já vão se esvaziando.

Texto II - Da amizade

A amizade é uma espécie de amor que nunca morre...

[...]

Texto IV - Verso avulso

A vida não dá tempo para a Vida.

Texto V - Diálogo familiar

– Mas por que você não escreve umas coisas mais sérias?

– Ora, tia Élide! Eu já não sou mais criança...

Texto VI- Vidinha

O mais triste de um passarinho engaiolado é que ele se sente bem...



frasesdepensadores.com.br

QUINTANA, Mario. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Gostou das definições de Mário Quintana? Você percebeu como essas definições são diferentes? Não são iguais às definições encontradas no dicionário, por exemplo. Vale a pena lembrar os conceitos de **linguagem literária**, **denotação** e **conotação**.

Responda às questões para orientar a sua leitura.

1 - No **Texto I**, a que a idade é comparada? Que elementos do texto justificam sua resposta?

2 - No **Texto II**, o que, implicitamente, foi dito do amor?

3 - No **Texto IV**, qual o efeito de sentido do V maiúsculo na palavra Vida?

4 - Qual o estranhamento causado pelo **Texto V**?

5 - Qual a contradição no **Texto VI**?

6 - Você reparou que Mario Quintana parece ter feito comentários sem muito compromisso sobre os temas escolhidos?... Mas a forma como ele escreve esses comentários torna-os especiais. Converse com seus colegas e com o seu Professor sobre isso. Escolha dois assuntos (a amizade, o amor, a criança, o jovem, a música ... ou outros, pensados por você) e escreva, de forma poética, pequenos comentários sobre eles.

Para saber mais, visite o Portal da MULTIRIO e assista ao vídeo **Deciframe ou te devoro** da série PALAVRA PUXA PALAVRA. O endereço é:
http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_mr_videos&layout=default&id=403&arquivo=ME403.wmv&Itemid=414



RELEMBRANDO E AVANÇANDO...

No texto literário, a **palavra é utilizada de forma predominantemente artística, subjetiva e figurada.**

Vamos nos dedicar, agora, aos textos literários do gênero poema.

E, para falar de poema, nada melhor do que recorrer... ao próprio poema. O que os poemas dizem sobre o poema? E sobre a poesia? Poema... poesia... Siga refletindo...

TEXTO 2

Desencontrários

Paulo Leminski

Mandei a palavra rimar,
ela não me obedeceu.

Falou em mar, em céu, em rosa,
em grego, em silêncio, em prosa.

Parecia fora de si,
a sílaba silenciosa.

Mandei a frase sonhar,
e ela se foi num labirinto.

Fazer poesia, eu sinto, apenas isso.
Dar ordens a um exército,
para conquistar um império extinto.

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

O título desse poema é uma palavra inventada... Como você acha que se formou essa palavra? O que o título faz você antecipar sobre o poema?

A palavra não obedeceu? Como você pode confirmar essa ideia no texto?

De que se aproxima a poesia? _____
A imagem dos dois últimos versos afasta a poesia de que ideia?

TEXTO 3

Paixão (trecho)

“De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.
O mundo, cheio de departamentos,
não é a bola bonita caminhando solta no espaço.”

Observe que esse trecho do poema nos fala do olhar poético... Como é esse olhar? Como o eu poético enxerga sem o olhar da poesia?

PRADO, Adélia. *O coração disparado*. Rio de Janeiro: Record, 2006.



TEXTO 4

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele Delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer Nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.

Observe a palavra destacada. Trata-se de uma palavra inventada. No poema, ela marca o tempo... Segundo o texto, descomeço marca que tempo?

Como fazer um verbo “delirar”?

O que seria uma voz de “fazer nascimentos”?

BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Relembrando...

*POEMA é um texto literário organizado em **versos**. Há também textos literários em **prosa**.*

POESIA, de forma geral, pode ser compreendida como tudo o que toca a sensibilidade.

Sugerir emoções através das diferentes linguagens – e não só pela palavra – é poesia.

*PROSA é um texto organizado em linhas contínuas e parágrafos. Pode tocar a sensibilidade, ter poesia, o que se chama **prosa poética**.*

VERSO – Cada linha do poema. Um conjunto de versos forma uma ESTROFE.

No poema, a língua é usada para além da linguagem denotativa, objetiva, direta. Interessa construir novos sentidos para as palavras, “sacudir a poeira” do modo de dizer comum, cotidiano. O modo de dizer é pensado, trabalhado, ganhando destaque e instigando o leitor a ir além do significado óbvio. A palavra é a matéria-prima do poema. Cada palavra é escolhida e combinada a outras para provocar o leitor.

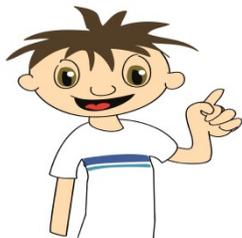
Então, quando você for ler um poema... desconfie!

Busque novos sentidos, siga pistas em cada palavra, cada som. Tente desvendar cada imagem. Aventure-se!

“Os poetas escrevem para emocionar, divertir, convencer, fazer pensar o mundo de um jeito novo.”

ATENFELDER, Anna Helena.
Poetas da escola. São Paulo:
CENPEC: Fundação Itaú
Social; Brasília, DF:
MEC, 2008.





A forma como uma mensagem está escrita pode transformar em poema uma simples frase.

TEXTO 5

Poema brasileiro

Ferreira Gullar

No Piauí de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí
de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí
de cada 100 crianças
que nascem
78 morrem
antes
de completar
8 anos de idade

antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
(1962)

Essa é a informação básica
que vai ganhando forma
poética.

Comparando as duas primeiras
estrofes, percebe-se uma
alteração quanto ao número de
versos. O que isso provoca?

Nesta estrofe, muda algo? Que efeito isso provoca?

Qual o efeito dessa repetição?

GULLAR, Ferreira. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2008.

Para saber mais...

“As palavras podem criar imagens vívidas, surpreendentes, marcantes, imagens que valem pelo que têm de imagem. Nada explicam e parecem nunca parar de nos dizer algo. Por outro lado, o próprio aspecto visual do poema é importante. Quando abrimos a página, a primeira coisa que vemos, antes de ler, é o formato do poema, a mancha gráfica estendendo-se diante dos olhos, antes de decifrarmos a primeira sílaba. Sentimos a presença visual do poema, no espaço da página, antes de saboreá-lo no tempo.”

Bráulio Tavares. *Revista Língua Portuguesa*. Maio de 2008.

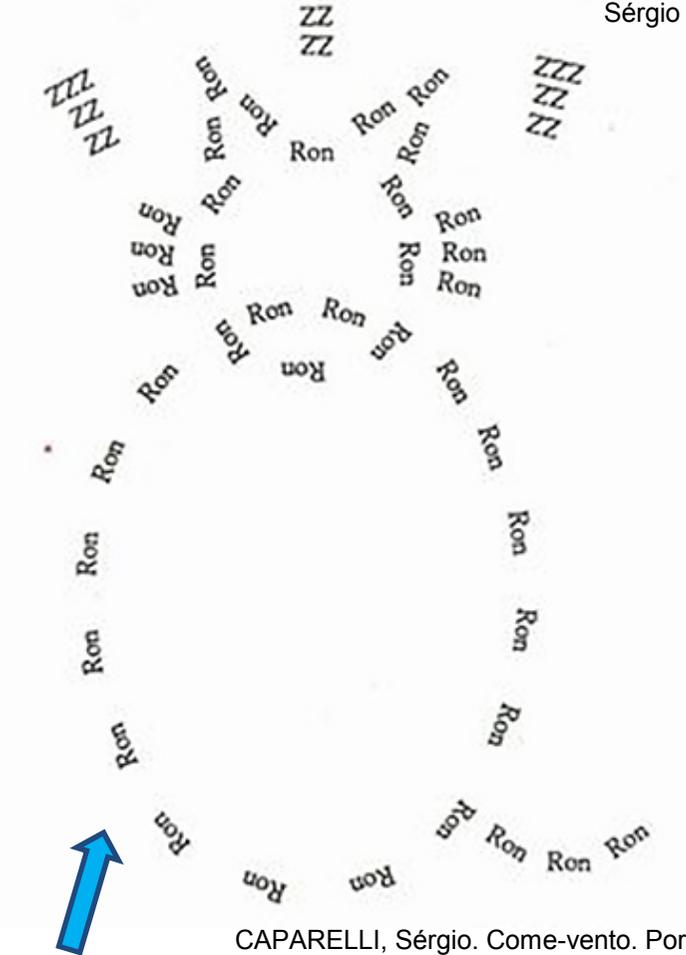
Em alguns poemas, a própria imagem gráfica na página, o visual, provoca o leitor.
Leia os dois exemplos e reflita.



TEXTO 6

Canção para ninar gato com insônia

Sérgio Caparelli



CAPARELLI, Sérgio. Come-vento. Porto Alegre: LP&M, 1988.

TEXTO 7

Pássaro em vertical

Cantava o pássaro e voava
cantava para lá
voava para cá
voava o pássaro e cantava
de
repente
um
tiro
seco
penas fofas
leves plumas
mole espuma
e um risco
surdo
n
o
r
t
e
-
s
u
l.

NEVES, Libério. *Pedra solidão*.
Belo Horizonte: Movimento
Perspectiva, 1965.

- 1- Observe a forma resultante da disposição das palavras no poema. Que parte do poema se relaciona a essa forma?

- 2- Como a musicalidade se constrói nos três primeiros versos do poema?

- 3- Como é representada no poema a queda do pássaro?

1- Observe que a imagem do gato é constituída por elementos que sugerem sonoridade, afinal o poema, como sugere o título, é uma “canção”.
a) Que sons você relaciona ao animal gato? _____
b) Que sons você relaciona ao sono do gato? _____

TEXTO 8



Chuva de Poesia.

O serviço de meteoropoesia informa que vai chover emoção em Brasília. Nessa precipitação poemológica, serão mais de 1000 poesias no ar em balões de gás. Que subirão ao sabor dos ventos da PAZ até que a gravidade do amor encontre espaço nos jardins, parques e casas com farta distribuição de alegria e sonhos. Aos que amam ler e escrever venha participar de três grandes festas da poesia, do livro e da leitura: XXVII FEIRA DO LIVRO DE BRASÍLIA; CENA CONTEMPORÂNEA 2008 - I BIENAL INTERNACIONAL DE POESIA DE BRASÍLIA - BIP; e do inédito "XXIV PRÊMIO INTERNAZIONALE DI POESIA NOSSIDE 2008 - VIAGEM DO NOSSIDE, DE REGGIO CALÁBRIA PARA O MUNDO".

19 de junho às 17:00 hs.
Local: Conjunto Cultural da República
Informações: www.camaradolivrodof.org.br

CAMARA DO LIVRO **BIBLIOTECA NACIONAL DE BRASÍLIA** **Alerna** **Tribo das Artes** **T-Bone** **ANTONELLO BRUNESI**

Câmara Italo-Brasileira de Comércio e Indústria **NOSSIDE** **Unesco World Poetry Directory** **Alianza global para la diversidad cultural**

Os recursos visuais da poesia, também podem ser utilizados expressivamente em outros gêneros textuais. Leia só o cartaz.

1- Qual é a finalidade do texto?

2- O que o elemento não verbal e a disposição gráfica das letras em queda reforçam?

Para saber mais...

Num poema, a **musicalidade** e o **ritmo** são muito importantes. Os sons são combinados para criar sentidos novos, inesperados.

A repetição é um instrumento importante para construir a musicalidade e o ritmo no poema. A rima também.

Rima é a coincidência de sons no fim de palavras ou versos.

Cuidado: há poemas sem rima e não há rima só em poemas.

Leia a próxima página!



A sonoridade do poema pode ser construída, também, por outros meios... Leia, em voz alta, o poema abaixo.

Há rimas...

...nos provérbios:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

....na linguagem do dia a dia:

Sol e chuva, casamento da viúva; chuva e sol, casamento de espanhol.

...na linguagem publicitária:

Amor com Primor se paga.

...nos jogos e nas brincadeiras:

*Uni, duni, tê
Salamê, mingué
Um sorvete colorê
O escolhido foi você!*

...nas trovas ou quadras populares:

*Quem diz que de muitos gosta,
Quem diz que a muitos quer bem,
Finge carinhos a todos,
Mas não gosta de ninguém.*

(quadra popular)

Adaptado de <http://www.pucrs.br/gpt/poesia.php>

TEXTO 9

Cantiga do vento

O vento vem vindo
de longe,
de não sei onde,
vem valsando, vem
brincando,
sem vontade de ventar.

Vem vindo devagar,
devagarinho,
mais viração
que vem em vão,
e vai e volta
e volta e vai.

De repente,
o vento vira rock
e vira invencível serpente.
E voa violento
e vai velhaco,
vozeirão varrendo
várzeas, verduras
e violetas.

E vira violinista
vibra na vidraça,
vira copo e vira taça,
e zoa e zoa e zoa
- uma zorra!

O vento, mesmo veloz,
tem tempo pra brincadeira,
tem tempo pra causar vexame.
E enche a casa de sujeira
e ergue o vestido da madame.

JOSÉ, Elias. *Namorinho de portão*.
São Paulo, Moderna, 1986.

Agora, responda:

a) Que recurso foi utilizado para marcar a sonoridade do poema?

b) O que esse recurso sonoro nos faz lembrar?

O **ritmo**, em um poema, se dá pela alternância de sílabas tônicas e não tônicas em cada verso, tendo também muito a ver com a **métrica** (tamanho, número de sílabas dos versos), com a sonoridade provocada pela rima. As repetições também determinam o ritmo em um poema. Leia, observando todos esses aspectos.

TEXTO 10 Ritmo

Na porta
a varredeira varre o cisco
varre o cisco
varre o cisco



Na pia
a menina escova os dentes
escova os dentes
escova os dentes

No arroio
a lavadeira bate a roupa
bate a roupa
bate a roupa



até que enfim
se desenrola
toda a corda
e o mundo gira imóvel como um pião!

QUINTANA, Mario. *Poemas para infância*. In *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.



1- Leia o poema, observando o ritmo que as repetições nele contidas determinam para a leitura. Marque as repetições.

2- Observe o último verso do poema: “e o mundo gira imóvel como um pião!”

a) Nele, estabelece-se uma comparação. Que palavra estabelece essa comparação? _____

b) A **metáfora**, recurso de linguagem já abordado neste caderno, é também isso: uma comparação **sem o elemento de comparação**. Reescreva o verso, usando o recurso da metáfora.

c) Explique a relação que o eu poético estabelece entre o giro do mundo e o de um pião.

Continue a observar a musicalidade dos poemas...

TEXTO 11

Canção para uma valsa lenta

Minha vida não foi um romance...
Nunca tive até hoje um segredo.
Se me amas, não digas, que morro
De surpresa... de encanto... de medo...

Minha vida não foi um romance,
Minha vida passou por passar.
Se não amas, não finjas, que vivo
Esperando um amor para amar.

Minha vida não foi um romance...
Pobre vida... passou sem enredo...
Glória a ti que me enches a vida
De surpresa, de encanto, de medo!

Minha vida não foi um romance...
Ai de mim... Já se ia acabar!
Pobre vida que toda depende
De um sorriso... de um gesto... um olhar...

QUINTANA, Mario. *Poesias*. Porto Alegre: Globo/MEC, 1972.



<http://www.ballroomdancers.com/>

1- A voz poética do texto repete que sua vida não foi um romance. Pelo que se lê, em cada estrofe do texto, como deve ser a vida para ser “um romance”?

2 - O eu do texto é jovem? Que versos comprovam isso?

3- Como o eu do texto qualifica a própria vida?

4- Observe os versos “Glória a **ti** que me enches a vida/ De surpresa, de encanto, de medo!” (3ª estrofe) e responda:

a) A quem se refere a palavra em destaque?

b) O que acontece de diferente na vida do eu poético, enchendo-a “De surpresa, de encanto, de medo!”?

5- Perceba o ritmo do poema. Volte ao título... Você sabe o que é uma valsa? Uma valsa é um ritmo marcado em três tempos. Observe os dois últimos versos de cada estrofe e marque seu ritmo. Que efeito isso provoca?



Agora, leia este soneto de Camões e observe sua estrutura de 14 versos em 4 estrofes.

TEXTO 12

Soneto LXXXI Luis de Camões

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

CAMÕES, Luis Vaz de. *200 sonetos*. Porto Alegre: L&PM, 1998.



LUIS DE CAMÕES (1524 - 1580), AUTOR DE OS LUSÍADAS É CONSIDERADO UM DOS MAIORES POETAS PORTUGUESES.

1- Preencha o quadro abaixo, identificando as palavras entre as quais se estabelecem as rimas nas estrofes do soneto.

1ª estrofe	
2ª estrofe	
3ª/4ª estrofes	

A função poética da linguagem é valorizar a elaboração do texto, muito com o objetivo de reforçar um sentido, causar um efeito de beleza, de emoção... Observe algumas figuras de linguagem usadas no soneto.

Repetição – a forma verbal “é”, forma muito usada quando se quer definir algo, repete-se ao longo de todo o soneto. Que ideia essa repetição reforça no soneto?

Antítese – O soneto é todo elaborado, usando palavras e expressões que demonstram ideias opostas, contrárias entre si.

a) Identifique algumas dessas **antíteses** no soneto.

b) O que o uso dessas **antíteses** reforça no soneto?

Hipérbato – A inversão da ordem dos termos em uma frase. Toda a última estrofe do soneto é um **hipérbato**. Observe que o recurso da inversão serve ao jogo de rimas do soneto e ao efeito de beleza que causa.

a) Reescreva a estrofe, colocando os termos em **ordem direta**.

Os poetas modernos têm maior liberdade para elaborarem seus poemas, sem seguir regras rígidas de métrica ou de rima em seus versos.

Verso livre – ocorre quando um poema não segue as regras de metrificação, com versos sem tamanho fixo.

Verso branco – ocorre quando há ausência de rimas em um poema.

O poema “Porquinho-da-índia”, que você vai ler a seguir, por exemplo, não segue um padrão rígido. Leia, com atenção.

TEXTO 13

Porquinho-da-índia



Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Querida era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

– O meu porquinho-da-índia foi minha primeira namorada.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & Estrela da manhã*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.



O POETA MANUEL BANDEIRA, FIGURA
IMPORTANTE DO MOVIMENTO MODERNISTA E UM
DOS MAIORES POETAS DA NOSSA LITERATURA.

brasile Escola.com

1- Sobre a estrutura do poema ao lado, complete:

O poema é composto de _____ versos, divididos em _____ estrofes; uma com _____ versos e uma segunda com um único verso.

2- Transcreva o verso que indica que o eu poético fala de um fato ocorrido na sua infância.

3- Já adulto, o eu poético se lembra de sua estima pelo porquinho-da-índia. Em que verso o eu poético fala de seu sofrimento pelo que entendia como um descaso de seu bichinho de estimação?

4- A leitura do poema nos permite entender que o eu poético se lembra de sua infância e de seus desencontros com um bichinho de estimação, relacionando-o à figura de uma namorada. Essa comparação permite inferir que o eu poético tem uma visão positiva ou negativa dos seus relacionamentos? Explique.

5- Como já vimos, num poema, devemos prestar atenção a cada detalhe... Que recurso morfosintático é usado para reforçar o carinho do eu poético com relação ao seu animal de estimação?

TEXTO 14

Esperança

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
vive uma louca chamada Esperança
e ela pensa que quando todas as sirenas
todas as buzinas
todos os reco-recos tocarem,
atira-se
e
— ó delicioso voo —
será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
— Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá, então,
(é preciso explicar-lhes tudo de novo!)
ela lhes dirá, bem devagarinho, para que não esqueçam nunca:
— O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

QUINTANA. Mario. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

O que esse poema fez
você imaginar?
Use as perguntas
abaixo, como guia,
para ler o texto, para
seguir as pistas!



1 - Observe que a palavra “andar”, no primeiro verso do poema, não foi empregada no seu sentido usual. A que se refere, então, o “décimo segundo andar do ano”?

2 - Em todo o poema, a que a palavra “esperança” se refere?

3 - Por que a esperança é chamada de “meninazinha dos olhos verdes”?

4 - Por que, no último verso, a palavra esperança está escrita “ES-PE-RAN-ÇA”?

TEXTO 15

Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

CÍCERO, Antônio. *Guardar: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Ao ler o poema, observe com que sentido é usada a palavra “guardar”. Antes de ler, pare um pouco e reflita: que sentido(s) você conhece para essa palavra?

Esse sentido dado à palavra guardar no poema é o mesmo que você já conhecia?

Explique um novo sentido criado pelo poema para a palavra **Guardar**.

Segundo o texto, para que se escreve um poema?

Como você pode perceber, os poemas apresentam os mais variados assuntos... Vamos, agora, propor uma viagem breve e poética pelo Rio de Janeiro.

TEXTO 16

Meus Rios

Dentro de mim
correm muitos Rios.
De janeiro a janeiro
tento encontrar
o mais verdadeiro.

Será o Rio-beleza,
o Rio Chico&Jobim,
o Rio canção&Sol?
O Rio dos megaeventos,
das corridas, das torcidas,
da emoção?

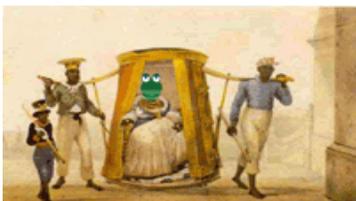
Ou um Rio muito antigo,
Rio Corte e Capital,
dos marqueses,
das liteiras
da escravidão?

O Rio antes do Aterro,
sem túneis, metrô, frescão,
quando ir da Muda à Urca
era uma sauna sem-fim,
ralando no lotação?

Nem esse Rio de ontem
nem o Rio de Debret
nem a cidade de agora
(que por vezes apavora),
porém, guardando de todos
a sua melhor porção,
um outro Rio ainda existe,
é só buscar com atenção.
Eu, por exemplo,
nele passeio
todos os dias
dentro do meu coração.

SOUZA, Angela Leite de. *Meus Rios*. São Paulo, Livraria Saraiva, 2006.

Glossário: **liteira** – cadeira portátil coberta, usada como meio de transporte, sustentada por duas varas compridas, levada por dois homens..



Rio de Janeiro, cidade mestiça. Nascimento da imagem de uma nação. Ilustrações e comentários de Jean-Baptiste Debret. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

1 - Por que a palavra Rios, no título do texto e no segundo verso, aparece com letra maiúscula e no plural?

2 - Que expressões foram criadas para nomear o Rio de Janeiro?

3 - Qual o efeito de sentido do uso do verbo **correr** no segundo verso?

4 - Selecione, no texto, palavras que fazem referência a um Rio de outras épocas.

5 - Como é o Rio que o eu poético traz guardado no coração?

ESPAÇO PESQUISA

O que você já sabe sobre Debret? Pesquise sobre essa figura importante, respeitada e admirada mundialmente. Debret produziu muitas imagens do Rio de Janeiro...

E sobre o Rio Antigo? No link

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/historiasRio.asp>

you can know more about the history of our city. Visit also the Paço Imperial. See how it still presents significant marks of the old Rio.



Você vai ler, a seguir, algumas letras de canção. Perceba que várias características de poemas aparecem também nesses textos.

TEXTO 17

Foi um rio que passou em minha vida

Paulinho da Viola

Se um dia
Meu coração for consultado
Para saber se andou errado
Será difícil negar

Meu coração
Tem mania de amor
Amor não é fácil de achar
A marca dos meus desenganos
Ficou, ficou
Só um amor pode apagar
A marca dos meus desenganos
Ficou, ficou
Só um amor pode apagar...

Porém! Ai porém!
Há um caso diferente
Que marcou num breve tempo
Meu coração para sempre
Era dia de Carnaval
Carregava uma tristeza
Não pensava em novo amor
Quando alguém
Que não me lembro anunciou
Portela, Portela
O samba trazendo alvorada
Meu coração conquistou...

Ah! Minha Portela!
Quando vi você passar
Senti meu coração apressado
Todo o meu corpo tomado
Minha alegria voltar
Não posso definir
Aquele azul
Não era do céu
Nem era do mar

Foi um rio
Que passou em minha vida
E meu coração se deixou levar
Foi um rio
Que passou em minha vida
E meu coração se deixou levar
Foi um rio
Que passou em minha vida
E meu coração se deixou levar!

<http://letras.terra.com.br/>

1 - Quem é o enamorado na letra da canção?
E qual o objeto de sua paixão?

2 - Como estava o coração do eu poético antes de conhecer a Portela?

3 - Podemos perceber, pela letra da canção, um “problema” e uma dificuldade relacionados a esse coração? Quais?

4 - Marque, no texto, os versos em que o eu poético se dirige diretamente à Portela.

5 - A que o eu poético compara a chegada da Portela em sua vida?

6 - Qual o sentido de “Foi um rio/ que passou em minha vida/E meu coração se deixou levar”?

TEXTO 18

A Voz do Morro

Zé Keti

Eu sou o samba
A voz do morro sou eu mesmo sim senhor
Quero mostrar ao mundo que tenho valor
Eu sou o rei do terreiro
Eu sou o samba
Sou natural daqui do Rio de Janeiro
Sou eu quem levo a alegria
Para milhões de corações brasileiros
Salve o samba, queremos samba
Quem está pedindo é a voz do povo de um país
Salve o samba, queremos samba
Essa melodia de um Brasil feliz

<http://letras.terra.com.br>

1 - Quem é “A voz do morro”, segundo o texto?

2 - Quem é o eu poético do texto? Para que ele canta?

3 - Quem diz, segundo o texto, “Salve o samba, queremos samba”?

4 - Segundo o texto, qual a importância do samba?

TEXTO 19

Alvorada no Morro

Carlos Cachça/Cartola/ Herminio Bello de Carvalho

Alvorada

Lá no morro, que beleza
Ninguém chora, não há tristeza
Ninguém sente dissabor
O sol colorindo
É tão lindo, é tão lindo
E a natureza sorrindo
Tingindo, tingindo
Você também me lembra a alvorada
Quando chega iluminando
Meus caminhos tão sem vida
Mas o que me resta
É bem pouco, quase nada
Do que ir assim vagando
Numa estrada perdida

<http://letras.terra.com.br>

1 - Personificar é atribuir ações ou características de pessoas a seres inanimados. Marque, no texto, um verso em que haja **personificação**.

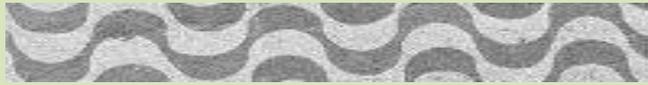
2 - A quem é comparada a alvorada no morro? Por quê?

3 - O eu poético é otimista? Comprove com versos do texto.

TEXTO 20

Copacabana

João de Barro e Alberto Ribeiro
(1947)



Existem praias tão lindas cheias de luz...
Nenhuma tem o encanto que tu possuis
Tuas areias...
Teu céu tão lindo...
Tuas sereias
Sempre sorrindo...

Copacabana, princesinha do mar,
Pelas manhãs tu és a vida a cantar...
E, à tardinha, o sol poente
Deixa sempre uma saudade na gente...

Copacabana, o mar eterno cantor
Ao te beijar, ficou perdido de amor
E hoje vive a murmurar
Só a ti, Copacabana, eu hei de amar

<http://www.paixaoeromance.com/40decada/copacabana47/hcopacabana.htm>

1 - A quem se dirige o eu poético do texto?

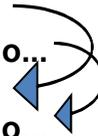
A Copacabana.

2 - Perceba o ritmo e a musicalidade do texto.

Eles são construídos pela escolha das palavras
e pela rima.

Veja só:

Tuas areias...
Teu céu tão **lindo...**
Tuas sereias
Sempre **sorrindo...**



Marque as outras rimas, na letra da canção.

3 - Qual o efeito de sentido causado pelo uso do diminutivo em “princesinha”?

4 – Indique um trecho da canção em que houve personificação.



Para lembrar...

Você observou que, nesse texto, é utilizada a **linguagem conotativa**? O texto faz a gente imaginar...

O que seria “Pelas manhãs tu és a vida a cantar”?

Como seria “o mar eterno cantor”?

A linguagem conotativa é também chamada de **linguagem figurada** exatamente porque ela evoca* imagens, provoca o leitor para que ele associe ideias, indo além do sentido objetivo, denotativo.

*Evoca – torna presente pela imaginação.

Observe: A quem se refere a palavra “Todos”?

TEXTO 21

Amanhecer em Copacabana

Antônio Maria

Amanhece, em Copacabana, e estamos todos cansados. Todos, no mesmo banco de praia. Todos, que somos eu, meus olhos, meus braços e minhas pernas, meu pensamento e minha vontade. O coração, se não está vazio, sobra lugar que não acaba mais. Ah, que coisa insuportável, a lucidez das pessoas fatigadas! Mil vezes a obscuridade dos que amam, dos que cegam de ciúmes, dos que sentem falta e saudade. Nós somos um imenso vácuo, que o pensamento ocupa friamente. E, isso, no amanhecer de Copacabana.

Antes de continuar, reflita: o que Copacabana representa para a crônica? _____

Marque, nesse trecho, palavras que mostram que o texto é de uma época passada, diversa da atual.

As pessoas e as coisas começaram a movimentar-se. A moça feia, com o seu caniche de olhos ternos. O homem de roupão, que desce à praia e faz ginástica sueca. O bêbado, que vem caminhando com um esparadrapo na boca e a lapela suja de sangue. Automóveis, com oficiais do Exército Nacional, a caminho da batalha. Ônibus colegiais e, lá dentro, os nossos filhos, com cara de sono. O banhista gordo, de pernas brancas, vai ao mar cedinho, porque as pessoas da manhã são poucas e enfrentam, sem receios, o seu aspecto. [...]. Os ruídos crescem e se misturam. Bondes, lotações, lambretas e, do mar, que se vinha escutando algum rumor, não se tem o que ouvir.

Pesquise o significado da palavra “fatigadas”.

Para o texto, o que é melhor: “a lucidez das pessoas fatigadas” ou a “obscuridade dos que amam”? Explique. Que trecho permite essa conclusão?

Para refletir e debater oralmente:

Discuta com seu/sua Professor/a sobre o preconceito, a partir da expressão “O banhista gordo, de pernas brancas...”. Que formas de preconceito existem nos dias de hoje? O que você, seus colegas e seu/sua Professor/a pensam a respeito do assunto?

Segundo o cronista, como deveria ser uma pessoa para ter direito ao amanhecer de sua cidade?

Deveria ser capaz de ver a beleza nas coisas simples, sem estar entediada, cansada e vazia.

A que se refere o termo destacado?

Enerva-me o tom de ironia que não consigo evitar nestas anotações. Em vezes outras, quando aqui estive, no lugar destas censuras, achei sempre que tudo estava lindo e não descobri os receios do homem gordo, que vem à praia de manhã cedinho. E Copacabana é a mesma. Nós é que estamos burríssimos aqui, neste banco de praia. Nós é que estamos velhíssimos, à beira-mar. Nós é que estamos sem ressonância para a beleza e perdemos o poder de descobrir o lado interessante de cada banalidade. Um homem **assim** não tem direito ao amanhecer de sua cidade. Deve levantar-se do banco de praia e ir-se embora, para não entediar os outros, com a descabida má-vontade dos seus ares.

<http://www.releituras.com>

Após ler o texto todo, reflita: como você caracterizaria o homem sentado no banco de praia? De forma positiva ou negativa?

Espaço criação



Como morador do Rio de Janeiro, você também observa a sua cidade? Pense sobre o que você vê no seu caminho até a escola. Registre sua descrição e compartilhe-a com seus colegas. Dê a ela um tom poético...você é capaz! Use a linguagem figurada como recurso. Se precisar, volte aos textos que leu e observe os recursos utilizados para torná-los mais expressivos.

Após escrever, lembre-se:

Revise seu texto!

Verifique as palavras que você selecionou. Elas retratam o que você pretende mostrar?

Verifique também a pontuação, a concordância e a ortografia.

Reescreva e compartilhe seu texto com os colegas!

Neste caderno, você está lendo textos que utilizam a riqueza de recursos da nossa língua. Não poderiam ficar de fora algumas letras de canções do grande mestre da MPB, Chico Buarque de Holanda, que completou setenta anos em 19 de junho de 2014. Curta e aprenda cada vez mais!

TEXTO 22

Desencontro

Chico Buarque/1965

A sua lembrança me dói tanto
Eu canto pra ver
Se espanto esse mal
Mas só sei dizer
Um verso banal
Fala em você
Canta você
É sempre igual
Sobrou desse nosso desencontro
Um conto de amor
Sem ponto final
Retrato sem cor
Jogado aos meus pés
E saudades fúteis
Saudades frágeis
Meros papéis

Não sei se você ainda é a mesma
Ou se cortou os cabelos
Rasgou o que é meu
Se ainda tem saudades
E sofre como eu
Ou tudo já passou
Já tem um novo amor
Já me esqueceu

http://www.chicobuarque.com.br

Conhecendo um pouco o autor...

Chico Buarque de Holanda (1944-) é um músico, dramaturgo e escritor brasileiro. Fez parceria com compositores e intérpretes de grande destaque, entre eles, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Toquinho, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Edu Lobo e Francis Hime. Nasceu no Rio de Janeiro, é filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda e da pianista Maria Amélia Cesário Alvim.

Adaptado de http://www.e-biografias.net/chico_buarque/

Para saber mais, você pode visitar o site <http://www.chicobuarque.com.br/> e assistir aos episódios “Chico Buarque: vida e obra” da série **Cidade de Leitores**, da MULTIRIO.

Acesse pelo endereço:

http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_mr_videos&listProducoes=97&mrAudiosListProgramas=3165&task=listProgramas&Itemid=414

1 – A que se refere o termo destacado em “Se espanto esse mal”?

2 - Segundo o texto, por que o eu poético canta?

3 – O que significa a expressão “retrato sem cor” no texto?

4 – Que ideia é reforçada pela repetição do “se” nos versos: “Não sei se você ainda é a mesma/ Ou se cortou os cabelos / Rasgou o que é meu/ Se ainda tem saudades”

5 – Que ideia é estabelecida pelo termo destacado em “Ou tudo já passou”



http://letras.mus.br/chico-buarque/fotos.html



TEXTO 23

A banda

Chico Buarque/1966

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem
A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a menina toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela
A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor

Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou

E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor



<http://musica.colonir.com/banda-de-musica.html>

1 – O eu poético é surpreendido por uma mudança (3ª.estrofe).
O que a provoca?

2 – Na terceira estrofe, que repetições ajudam a compor o ritmo da canção?

3 – Como o texto adjetiva o homem, o faroleiro e a namorada?

4 – Retire do texto **duas** consequências da passagem da banda.

5 – Que significado é anunciado pelo uso do “mas “ no verso “Mas para meu desencanto”?

6- Qual o significado de doce no verso “O que era doce acabou”?

7 – Qual a causa do desencanto do eu poético na penúltima estrofe?

Converse com seu Professor de História sobre o contexto dessa canção e amplie suas possibilidades de leitura.

TEXTO 24

Samba do grande amor

Chico Buarque

Tinha cá pra mim
Que agora sim
Eu vivia enfim
O grande amor
Mentira
Me atirei assim
De trampolim
Fui até o fim um amador
Passava um verão
A água e pão
Dava o meu quinhão
Pro grande amor
Mentira
Eu botava a mão
No fogo então
Com meu coração de fiador
Hoje eu tenho apenas
Uma pedra no meu peito
Exijo respeito
Não sou mais um sonhador
Chego a mudar de calçada
Quando aparece uma flor
E dou risada do grande amor
Mentira
Fui muito fiel
Comprei anel
Botei no papel
O grande amor
Mentira

Reservei hotel
Sarapatel
E lua de mel
Em Salvador
Fui rezar na Sé
Pra São José
Que eu levava fé
No grande amor
Mentira
Fiz promessa até
Pra Oxumaré
De subir a pé o Redentor
Hoje eu tenho apenas
Uma pedra no meu peito
Exijo respeito
Não sou mais um sonhador
Chego a mudar de calçada
Quando aparece uma flor
E dou risada do grande amor
Mentira

<http://www.chicobuarque.com.br>

1- A linguagem figurada é bastante expressiva nessa canção. Explique a ideia transmitida pelas seguintes expressões no texto:

a) “Me atirei assim de um trampolim”

b) “A água e pão”

c) “botava a mão no fogo”

d) “botei no papel”

2- Vá ao dicionário e pesquise o significado da palavra FIADOR. Qual o efeito no texto de dizer “com meu coração de fiador”?

3- No texto há dois tempos marcados. Um passado e um presente. Indique dois versos que comprovem esse fato.

Respeito às manifestações de religiosidade:
princípio fundamental.

4- Qual o motivo de o eu do texto afirmar “Hoje eu tenho apenas/ uma pedra no meu peito”?

5- De que trata principalmente o texto?

6 – No trecho:

“Chego a mudar de calçada

Quando aparece uma flor

E dou risada do grande amor

Mentira”

a que se refere a palavra “mentira” no último verso?

7 – No texto, a palavra “amador” tem somente um sentido? Explique.

8 - Quando o eu poético diz “Exijo respeito/ não sou mais um sonhador”, o que implicitamente podemos perceber que ele pensa dos sonhadores?

9 - O que significa dizer, no texto, “Chego a mudar de calçada/Quando aparece uma flor”?

10 – Indique, no texto, palavras que compõem o campo de significação de religiosidade.

TEXTO 25

Agora falando sério

Chico Buarque/1969

Agora falando sério
Eu queria não cantar
A cantiga bonita
Que se acredita
Que o mal espanta
Dou um chute no lirismo
Um pega no cachorro
E um tiro no sabiá
Dou um fora no violino
Faço a mala e corro
Pra não ver banda passar

Agora falando sério
Eu queria não mentir
Não queria enganar
Driblar, iludir
Tanto desencanto
E você que está me ouvindo
Quer saber o que está havendo
Com as flores do meu quintal ?
O amor-perfeito, traindo
A sempre-viva, morrendo
E a rosa, cheirando mal

Agora falando sério
Preferia não falar
Nada que distraísse
O sono difícil
Como acalanto
Eu quero fazer silêncio
Um silêncio tão doente
Do vizinho reclamar

E chamar polícia e médico
E o síndico do meu tédio
Pedindo para eu cantar

Agora falando sério
Eu queria não cantar
Falando sério

1 – Por que o eu poético queria “não cantar a cantiga bonita” na primeira estrofe?

2 – Explique os dois últimos versos da primeira estrofe “Faço a mala e corro/ Pra não ver banda passar”. Se preciso, volte à letra da música A Banda.

3 – Ainda na primeira estrofe, há referência a outras músicas de Chico Buarque. Converse com seu Professor, pesquise e identifique-as.

4 – Observe a brincadeira feita com as palavras no trecho:
“Quer saber o que está havendo / Com as flores do meu quintal ?/ O amor-perfeito, traindo /A sempre-viva, morrendo /E a rosa, cheirando mal”
Qual a relação estabelecida entre os nomes das flores e as ações que estão acontecendo com elas?

5 – O que significa a expressão “ síndico do meu tédio”? O que nessa expressão causa estranhamento?

6 – Indique um verso em que esteja explicitada a presença do interlocutor.

TEXTO 26**Benvinda**

Chico Buarque/1968

Dono do abandono e da tristeza
 Comunico oficialmente
 Que há lugar na minha mesa
 Pode ser que você venha
 Por mero favor
 Ou venha coberta de amor
 Seja lá como for
 Venha sorrindo, ai
 Benvinda
 Benvinda
 Benvinda
 Que o luar está chamando
 Que os jardins estão florindo
 Que eu estou sozinho

Cheio de anseios e esperança
 Comunico a toda a gente
 Que há lugar na minha dança
 Pode ser que você venha
 Morar por aqui
 Ou venha pra se despedir
 Não faz mal
 Pode vir até mentindo, ai
 Benvinda
 Benvinda
 Benvinda
 Que o meu pinho está chorando
 Que o meu samba está pedindo
 Que eu estou sozinho

Venha iluminar meu quarto escuro
 Venha entrando como o ar puro
 Todo novo da manhã
 Venha minha estrela madrugada
 Venha minha namorada
 Venha amada
 Venha urgente
 Venha irmã
 Benvinda
 Benvinda
 Benvinda
 Que essa aurora está custando
 Que a cidade está dormindo
 Que eu estou sozinho

Certo de estar perto da alegria
 Comunico finalmente
 Que há lugar na poesia
 Pode ser que você tenha
 Um carinho para dar
 Ou venha pra se consolar
 Mesmo assim pode entrar
 Que é tempo ainda, ai
 Benvinda
 Benvinda
 Benvinda
 Ah, que bom que você veio
 Que você chegou tão linda
 Eu não cantei em vão
 Benvinda
 Benvinda
 Benvinda
 Benvinda
 Benvinda
 No meu coração.

1 - O título da canção tem o mesmo som de que outra expressão da nossa língua? O que a escolha desse título reforça na letra da canção?

2 – Na primeira estrofe, qual a única condição do eu poético para a chegada de Benvinda?

3 - Compare os seguintes versos: “Dono do abandono e da tristeza”/ “Cheio de anseios e esperança”/ “Certo de estar perto da alegria”. O que se percebe com relação aos sentimentos do eu poético?

4 - Na terceira estrofe, indique uma comparação e uma metáfora.

5 – Por que o eu poético diz, na última estrofe, que ele não cantou em vão?

6 - Nas três primeiras estrofes, os três últimos versos têm a mesma estrutura. O que eles indicam? A repetição dessa estrutura tem algum efeito?

7 - Releia a letra da canção e marque as rimas para que você perceba como foram construídos o seu ritmo e a sua musicalidade.



Continuando a perceber o modo de utilizar a língua portuguesa, você vai ler, agora, um artigo em que se expressa um ponto de vista (tese) e se defende esse ponto de vista com argumentos. O assunto é a poesia.

TEXTO 27

Poetizar espaços é alargar o tempo

Edinara Leão

Vive-se, hoje, o tempo da não poesia. O desmembramento entre magia e vida é uma das marcas de nossa era pós-moderna — era de fragmentação e fragilidade, em que a indústria cultural esmaga o ser humano. Em épocas como esta, é contraproducente o viver poético. Não é possível combinar a harmonia da palavra mítica, que rememora o paraíso perdido, ao caos dos dias em que vivemos. É o tempo-flecha, o tempo-ponto, abismado em si mesmo, sem fronteira nem horizontes

A poesia é a extrema liberdade do ser, a palavra inquietante, perturbadora. Um amigo confessou-me: queria livrar-se da poesia. Já não era feliz... A poesia não cria uma geração de alegres sem causa. Cria seres profundos, capazes de ler além da letra impressa, além da palavra dita. Quem lê poesia, escreve poesia, questiona poesia, não perde a possibilidade de refazer-se constantemente, ir ao encontro de si. E não é essa a arte da vida? A possibilidade de, estando no mundo, interferir criativamente sobre ele?

Então, para que a poesia? Porque ainda há tempo de instaurar no tempo um outro tempo. E é a escola (ou deve ser) a instituição capaz de descobrir a riqueza contida na palavra poética. Num trabalho constante e inquiridor, a escola é capaz de instaurar brisa, desmascarar a hipocrisia do tecido social e criar um ser que cristaliza um outro tempo em sua mente e coração, contando com o poder transformador da palavra poética.

Adaptado de *Jornal Mundo Jovem*. PUCRS - Setembro de 2007.

1- Qual a tese defendida pelo texto?

2- Indique um argumento utilizado para defender a tese.

3- Segundo o texto, por que a poesia não cria uma geração de alegres sem causa?

4- O que significa dizer que a escola é capaz de “instaurar brisa”?



Agora, vamos trabalhar com um gênero textual também literário: o CONTO. Podemos dizer, como você já aprendeu no primeiro bimestre, que esse gênero textual é de base narrativa e apresenta **sequências de fatos**, que são vividos pelos **personagens**, num determinado **tempo** e **espaço**. Existe também um **narrador**, aquele que conta a história.

Nos cadernos pedagógicos anteriores, você estudou não só os **elementos do conto**: *personagem, tempo, espaço, ação, e narrador*, como também **os momentos da narrativa**: *situação inicial, conflito, clímax e desfecho*. Se você tiver dúvidas, volte a esses cadernos e retome o estudo da estrutura desse tipo de texto.

De maneira geral, um conto é mais breve que um romance e apresenta número reduzido de personagens. O tempo e o espaço em que se desenvolve a história também são restritos.

Antes de ler o próximo texto, formule hipóteses... Seu/sua Professor/a poderá auxiliá-lo bastante nesta atividade. Dê asas à imaginação. Sobre o que será um texto chamado “Uma galinha”? Será uma fábula? Onde se deve passar a história? Quais serão os personagens, serão humanos ou animais?

Leia, a seguir, o texto **Uma galinha**, de Clarice Lispector, e responda às questões sobre os elementos, os momentos da narrativa e a compreensão do texto.

TEXTO 28

Uma galinha

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou – o tempo da cozinheira dar um grito – e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado em telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquistador havia soado.



culturalivre.net

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, parava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia em suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se pode contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou respirando, abotoando e desabotoando os olhos. [...] Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento despregou-se do chão e saiu aos gritos: – mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem! [...]

O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão.

– Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

– Eu também! jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “e dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga – e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, [...] com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

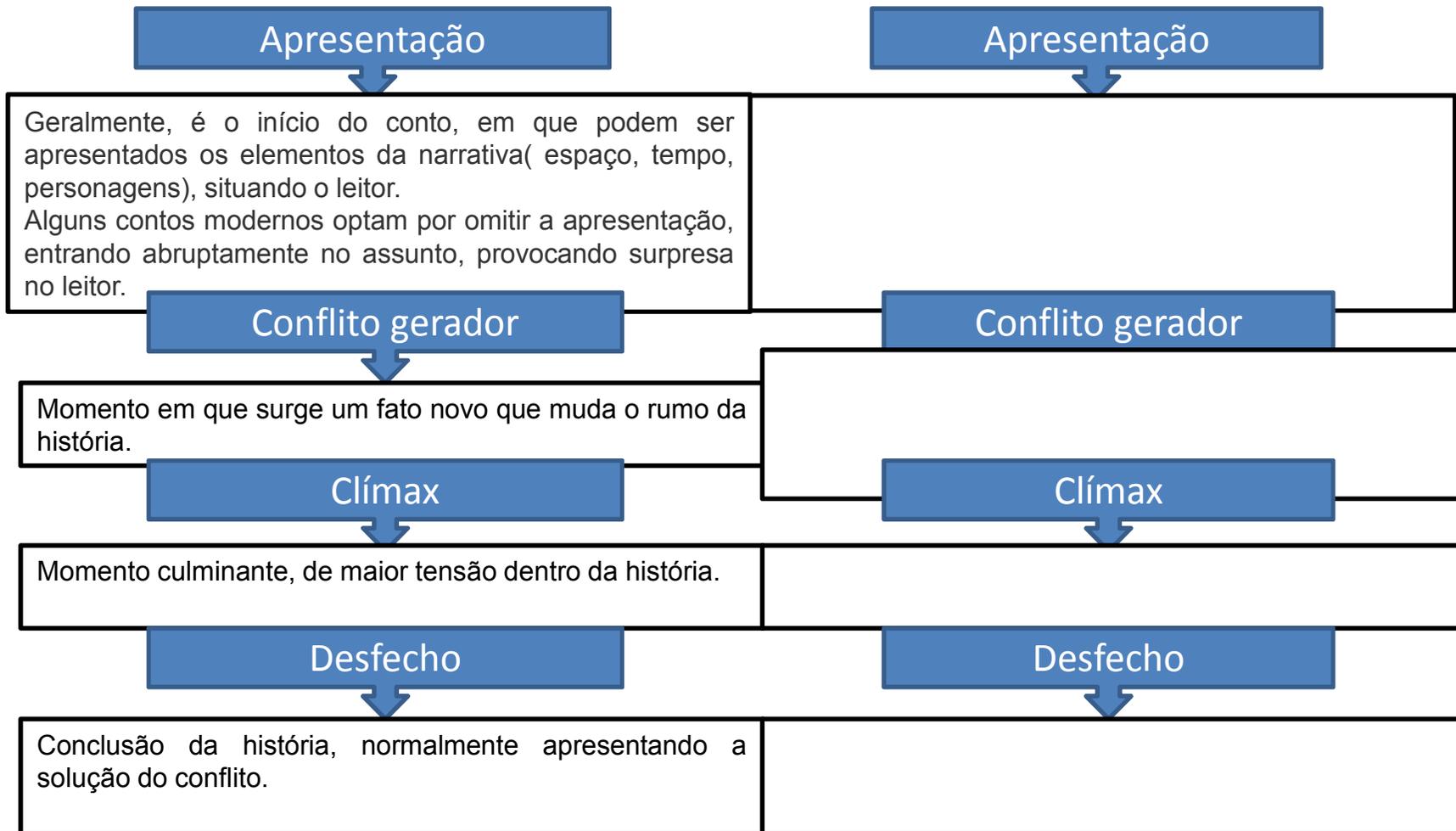
Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

LISPECTOR. Clarice. *O primeiro beijo e outros contos*. São Paulo: Ática, 1997.



Como você sabe, um conto, em geral, possui a estrutura abaixo. Complete o quadro, indicando o parágrafo do conto a que se refere cada parte da narrativa.



Agora, vamos ler o conto novamente, enfocando os elementos da narrativa.

1 - Quem são os personagens desse conto?

2 - Onde se passa a história?

3 - O narrador é aquele que conta a história. Ele pode apenas narrá-la, sem participar dela: é o narrador-observador. Pode ser o narrador que conta fatos dos quais participa: isto é, ser um narrador-personagem. Nesse conto, que tipo de narrador temos?

Continue aprofundando a leitura. As questões abaixo vão guiar você para aspectos importantes.

4 - Por que foi uma surpresa o fato de a galinha voar para o terraço do vizinho?

5 - No trecho “A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé.”, que palavra se refere à galinha?

6 - O conto se inicia com a seguinte frase: “Era uma galinha de domingo.” Qual o sentido da expressão em destaque, considerando o desenvolvimento da narrativa.

7 - O que fazia com que a galinha se sentisse livre? (4.º parágrafo)

8 - A que a galinha é comparada, no 5.º parágrafo? Que características de um e de outro aparecem nesse trecho?

9 - Por que resolveram não matar a galinha?

10 - No trecho da fala do pai: “e dizer que a obriguei a correr naquele estado!”, a que estado ele se refere?

11 - Que trecho do 12.º parágrafo do texto revela a mudança de comportamento da família em relação à galinha?

12 - Que final teve a galinha?

O conto que você acabou de ler tem narrador-observador, que não participa da história, somente a observa e narra. Leia o texto abaixo, que tem narrador-personagem e observe bem a diferença. O narrador-personagem é o que participa da história.

TEXTO 29

Missa do galo

NUNCA **PUDE** entender a conversação que **tive** com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho **irmos** à missa do galo, **preferi** não dormir; **combinei** que **eu** iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de **minhas** primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-**me** bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranquilo, naquela casa assobradada da Rua do Senado, com os **meus** livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que **me** levasse consigo.[...]

ASSIS, Machado. *Machado de Assis. Seus trinta melhores contos*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961.

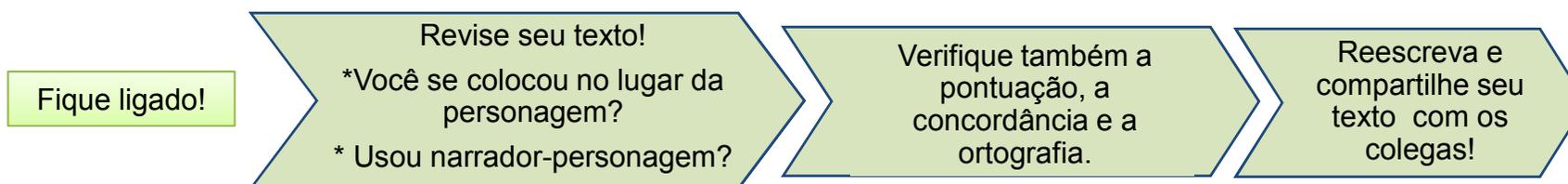


Interessante o texto de Machado de Assis, não é? Se você gostou, procure ler o conto inteiro.

Você reparou nos verbos e pronomes em destaque? Eles estão em primeira pessoa e anunciam o narrador-personagem.

Mudar o tipo de narrador significa alterar o **foco narrativo**. Esse é o seu desafio: coloque-se no papel do personagem principal do conto de Clarice Lispector, “Uma galinha”, e reescreva, como narrador-personagem, o conto.

Para isso, você vai viver a personagem, se colocar no lugar dela. Então, escreva a versão da galinha. Lembre-se de contar os fatos principais do conto, bem como os sentimentos e expressões da galinha. Você pode acrescentar o que for necessário para criar a nova história e lembre-se também de que o narrador deve ser **narrador-personagem**.



Seu/sua Professor/a vai auxiliá-lo/la a organizar as apresentações para a turma.

Vamos, agora, ler outros dois contos. Aproveite!



TEXTO 30

A Rã que queria ser uma Rã autêntica

Era uma vez uma Rã que queria ser uma Rã autêntica, e todos os dias se esforçava para isso.

No começo ela comprou um espelho onde se olhava longamente procurando sua almejada autenticidade.

Algumas vezes parecia encontrá-la e outras não, de acordo com o humor desse dia e da hora, até que se cansou disso e guardou o espelho num baú.

Finalmente, ela pensou que a única maneira de conhecer seu próprio valor estava na opinião das pessoas, e começou a se pentear e a se vestir e a se despir (quando não lhe restava nenhum outro recurso) para saber se os outros a aprovavam e reconheciam que era uma Rã autêntica.

Um dia observou que o que mais admiravam nela era seu corpo, especialmente suas pernas, de forma que se dedicou a fazer exercícios e a pular para ter ancas cada vez melhores, e sentia que todos a aplaudiam.

E assim continuava fazendo esforços até que, disposta a qualquer coisa para conseguir que a considerassem uma Rã autêntica, deixava que lhe arrancassem as ancas, e os outros a comiam, e ela ainda chegava a ouvir com amargura quando diziam: que ótima Rã, até parece Frango.

MONTERROSO. Augusto. *16 contos latino-americanos*. São Paulo: Ática, 1992

1 - Qual era o desejo da Rã?
Tornar-se uma Rã autêntica.

2 - O que ela fez para que seu desejo se realizasse?

3 – Existem, no texto, trechos que nos revelam um aspecto da personalidade da Rã. Reescreva um deles.

4 – Por que a rã ouvia “ com amargura” os comentários (último parágrafo)?



Augusto Monterroso

Como o próximo texto é um pouco longo, vamos guiando sua leitura com perguntas dispostas ao lado das partes da história...

Somente pelo título, responda: o próximo conto se passa no nosso tempo?

TEXTO 31

Nos anos a.I. (antes da Internet)

Moacyr Scliar

Outro dia, numa escola, um dos alunos me perguntou como é que as pessoas se comunicavam quando não existia a Internet — isto é, na pré-história. Eu expliquei que já havia outros meios rudimentares de comunicação, tais como a carta e até mesmo o telefone. Não sei se o garoto ficou satisfeito com a resposta; mas a verdade é que a pergunta dele me fez lembrar uma curiosa história, acontecida com um colega meu. Antes da Internet, obviamente.

1. Observe, no 1.º parágrafo, a palavra “pré-história”. Que efeito de sentido tem o uso dessa palavra no texto?

2. Ainda no 1.º parágrafo, que palavras o narrador usa para se referir ao aluno que lhe fez a pergunta?

O colégio em que estudávamos tinha sido, por muito tempo, um estabelecimento exclusivamente masculino. Por fim, e depois de anos de discussão, a direção resolveu admitir alunas, mas com uma condição: as turmas não seriam mistas. Rapazes de manhã, garotas à tarde. Não sei exatamente o que temiam, que fantasias povoavam a cabeça daquelas pessoas; mas deveria ser algo muito alarmante porque, apesar dos protestos do grêmio estudantil, não arredaram pé da decisão. E, assim, as meninas foram finalmente admitidas, mas nunca viam os seus colegas do sexo oposto.

Eu tinha um colega chamado Paulo. Um garoto magrinho, de óculos, tímido e estudioso, tão tímido quanto estudioso. Ele falava muito pouco, mas tinha uma qualidade: escrevia bem. A professora de português não poupava elogios às redações que ele fazia. E, quando o elogiava, Paulo ficava vermelho, embaraçado, tamanha era sua timidez.

Uma manhã, ao guardar os livros sob a carteira, ele encontrou ali uma folha de papel cuidadosamente dobrada. Abriu-a e leu: “Ao meu colega da manhã”.

Era uma longa carta, escrita, curiosamente, em letra de imprensa. Nela, a garota, que assinava apenas “Solitária da tarde”, contava que não tinha namorado nem amigas, que se sentia muito só e que por isso recorrera àquele meio para se comunicar com alguém. “Estou fazendo como o naufrago”, dizia, “que coloca uma mensagem numa garrafa e joga-a ao mar. Espero que esta mensagem chegue ao destino certo.”

Paulo não estava certo de que ele era “o destino certo”. Na verdade, ficara profundamente perturbado só de ler a carta. Mas então, e num gesto que a ele próprio surpreendeu, pegou uma folha de papel e ali mesmo, em plena aula, escreveu uma longa carta para a “Solitária da tarde”. Nela, confessava que também se sentia sozinho e que gostaria de partilhar com a desconhecida missivista suas ideias, seus sentimentos, suas emoções. E assinou, talvez sem muita imaginação, “Solitário da manhã”. Dobrou a carta e, disfarçadamente, colocou-a sob a carteira, esperando que a servente não encontrasse o papel.

3- Observe o trecho “O colégio **em que** estudávamos tinha sido, por muito tempo, um estabelecimento exclusivamente masculino.” (2.º parágrafo). Reescreva-o, substituindo o termo destacado por outro que lhe seja correspondente.

4- Que características de Paulo estão presentes no 3.º parágrafo?

5- A carta da “Solitária da tarde” era endereçada especificamente a algum aluno? Justifique sua resposta com um trecho do 5.º parágrafo.

6- No trecho “**Nela**, confessava que também se sentia sozinho [...]” (6.º parágrafo), a que se refere o termo em destaque?

7- Por que Paulo se refere à “Solitária da tarde” como a **desconhecida missivista** (6.º parágrafo)?

E aí? Será que a servente vai encontrar o papel? Leia, na próxima página, a continuação do conto.

A servente, que fazia seu trabalho apressadamente, de fato não achou a carta. Mas a destinatária, sim. No dia seguinte, ao chegar à escola, a primeira coisa que Paulo fez foi procurar pela resposta. O coração batendo forte, bateu o compartimento. Dito e feito: lá estava a folha de papel.

Esta correspondência se prolongou pelo ano inteiro. Nenhum dos dois propôs um encontro. Aparentemente, o que ambos queriam era exatamente aquilo, trocar confidências. Mas, lá pelas tantas, Paulo deu-se conta: não era só a afinidade que o movia. Era mais do que isto. Ele estava apaixonado pela correspondente. E queria vê-la. Queria falar com ela. Queria, quem sabe, segurar sua mão. Mas faltava-lhe coragem...

E então algo aconteceu que o fez tomar uma decisão.

Uma noite, o pai dele voltou para casa arrasado. Não quis nem jantar: disse à mulher e a Paulo, filho único, que precisavam conversar. Sentaram os três na sala e ele contou: estava indo mal nos negócios, tinha de vender a pequena loja que possuía para pagar as dívidas. A partir daquele dia trabalharia numa outra loja, mas como empregado. Isto significava que o nível de vida da família baixaria muito. Venderiam o carro, procurariam uma outra casa, menor — e Paulo teria de mudar de colégio: aquele era muito caro.

Foi muito triste aquela cena, os pais abraçados, chorando, mas Paulo só conseguia pensar numa coisa: estava a ponto de perder sua correspondente. E então decidiu: precisava vê-la. Talvez com isso se quebrasse o encanto, talvez ela não quisesse saber dele, o que seria muito compreensível: Paulo estava longe de ser um galã. A moça, pelo contrário — e ao menos na imaginação dele —, era muito linda.

8- Qual o significado de “Dito e feito”, no 7.º parágrafo?

9- No trecho do 8.º parágrafo “Mas, **lá pelas tantas**, Paulo deu-se conta: não era só a afinidade que o movia.”, a expressão em destaque indica uma circunstância. _____

10- Observe o trecho “E então algo aconteceu que o fez tomar uma decisão.” (9.º parágrafo). De acordo com o parágrafo seguinte, o que aconteceu que fez o garoto tomar uma decisão?

11- No 11.º parágrafo, a decisão do garoto o levou a duas suposições.

a) Transcreva o trecho que contém essas suposições.

b) Que palavra indica que se tratava de suposições?

c) O que leva o garoto a ser tão pessimista em suas suposições?

Agora que ele decidiu, ou melhor, que uma mudança na situação decidiu por ele e que o encanto vai se quebrar, o que será que vai acontecer? Será que a Solitária da tarde não vai mais querer saber do Solitário da manhã... ou será que as duas solidões vão se encontrar?

Saiba o que vai acontecer, lendo a continuação do conto, na página seguinte...



Naquela noite quase não dormiu. De manhã, tinha resolvido: contaria o ocorrido numa carta, proporia que se encontrassem. Sabia que disso poderia resultar uma grande desilusão para ela, mas, uma vez que ele não teria mais como lhe escrever, teriam pelo menos uma despedida de amigos.

Foi o primeiro a chegar à aula. Introduziu a mão sob a carteira — e nada encontrou. Nenhuma folha de papel. Procurou de novo, e mais uma vez: nada. Àquela altura já estava confuso, desesperado mesmo: o que teria acontecido? Teria a servente encontrado a carta — e jogado fora? Criou coragem e no intervalo foi procurá-la, na sala dos funcionários. Suando profusamente, e gaguejando, perguntou se ela havia encontrado uma folha de papel manuscrito. A servente, uma mulher gorda, de cara meio debochada, olhou-o e disse que não: não encontrara papel algum na carteira do Paulo. Ele então, suando ainda mais, disse que tinha um pedido a fazer: que ela não limpasse sua carteira, ao menos por uns dias. A servente riu, piscou o olho:

— Já sei: você está escrevendo bilhetinhos para uma colega. Vá em frente, rapaz: eu não vou mexer mais na sua carteira. [...].

[...] Naquele dia, nada escreveu. E, no dia seguinte, de novo a carteira estava vazia. Não sabia o que pensar. O que teria acontecido com a “Solitária da tarde”? Teria adoecido? Teria, como ele estava a ponto de fazer, deixado o colégio?

Só havia um meio de saber.

Naquela tarde foi ao colégio. O porteiro quis barrar-lhe a entrada — tinha ordens da direção para não deixar os alunos da manhã entrarem depois do meio-dia —, mas Paulo alegou que tinha um assunto urgente para resolver na secretaria. Por fim, e ainda desconfiado, o homem deixou-o entrar.

Paulo foi avançando pelo corredor, em direção à secretaria. Felizmente, sua sala ficava no caminho. Ao passar por ali, lançou um disfarçado olhar pela janela — e seu coração quase parou.

Havia uma garota sentada na mesma cadeira em que ele sentara pela manhã. Uma garota loirinha, magrinha — bonita, muito bonita. Exatamente como Paulo imaginara? Isso ele agora não saberia dizer. Talvez sim, talvez não: o fato é que a imagem mental que ele fizera da desconhecida missivista agora dava lugar a uma figura real. E essa figura já se apossara de seu coração.

12- No 12.º parágrafo, aparecem duas expressões que indicam uma sequência temporal. Transcreva-as.

13- Que característica da personalidade do garoto é ressaltada no 13.º parágrafo? Comprove com um trecho do parágrafo.

14- Que expressão usada no texto (13.º parágrafo) indica a cumplicidade entre Paulo e a servente?

15- No 15.º parágrafo, que expressões indicam uma sequência temporal?

16- Que argumento o porteiro usa para justificar a proibição da entrada de Paulo (17.º parágrafo)?

17- Que expressão foi usada no texto (19.º parágrafo) para declarar que o menino estava apaixonado?

O coração do Paulo deve estar acelerado, não é? E o seu? Na página seguinte... o que será que vai acontecer?



Saiu do colégio, mas não foi para casa: ficou no bar em frente ao colégio até que a campainha soou, anunciando o fim das aulas. As garotas iam saindo, rindo, conversando. Por fim ele a avistou. Tal como esperava, ela estava sozinha. E, pelo jeito, morava perto, porque foi andando, sozinha. Ele a seguiu por uns dois ou três quarteirões e por fim, num gesto que a ele próprio surpreendeu, adiantou-se e, apresentando-se como o colega que ocupava a mesma classe pela manhã, disse que queria conhecê-la. Ela olhou-o, e para surpresa e encantamento dele, sorriu:

— Eu também queria conhecer você. Afinal, alguma coisa em comum nós temos, não é mesmo? Ou, quem sabe, muita coisa em comum.

E foi assim que tudo começou. Terminou em casamento, claro, mas não é disso que quero falar agora. Quando Paulo me contou essa história, muitos anos depois, a coisa que mais me impressionou foi o fato de que, por muito tempo, ele não mencionou as cartas. Não tinha coragem, ou não era necessário... O fato é que não falou a respeito. O assunto veio por acaso. Um dia, olhando uma caderneta em que ela tomava anotações, comentou:

— Pensei que você gostasse de escrever em letra de imprensa.

Ela mirou-o, intrigada:

— Em letra de imprensa? Por que haveria eu de escrever em letra de imprensa? Você não acha minha letra boa?

— Acho. Mas nas cartas que você me mandava...

— As cartas que eu lhe mandava? — Ela, assombrada — Que cartas? Eu nunca lhe mandei carta alguma, Paulo. Você está sonhando?

E então tudo se esclareceu. Ela não era a “Solitária da tarde”. Na verdade, sentava em outro lugar; só passara a ocupá-lo depois que a antiga dona subitamente deixara o colégio: a família mudara para outro estado.

Paulo ri muito, quando me conta essa história. E ela não deixa de ser engraçada. Mas é também um pouco melancólica. Paulo é feliz, mas, e a “Solitária da tarde”, que terá acontecido com ela? Será que continua solitária? Será que continua se correspondendo com missivistas desconhecidos?

Provavelmente sim. Só que agora decerto recorre à Internet. Mesmo a solidão se moderniza.

FALCÃO, Adriana e outros. *Histórias dos tempo de escola*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002

18- Reescreva o trecho inicial do 20.º parágrafo, substituindo o conectivo “mas” por outro de sentido equivalente.

19- Por que Paulo já esperava que a menina viesse sozinha?

20- Qual o efeito do uso das reticências no trecho “Não tinha coragem, ou não era necessário...” (22.º parágrafo)?

21- Explique por que a história pode ser, ao mesmo tempo, inusitada e melancólica.

22- Que termos, no último parágrafo, dão ideia de dúvida, certeza e inclusão?

23- A que conclusão o texto chega em relação às mudanças do mundo e à natureza dos sentimentos humanos?

24- O narrador pode contar uma história em 1.ª pessoa ou em 3.ª pessoa. Como é o narrador do texto que você acabou de ler? Explique que efeito isso tem para o texto.



25- A trama da narrativa se caracteriza por começar com uma **situação inicial**, em que se apresenta o ambiente (onde?), um colégio; o tempo em que se passa a história (quando?), antes da internet, e o personagem principal (quem?) Paulo. Em que parágrafos se apresenta a situação inicial?

26- Qual o **conflito gerador** da narrativa?

27- Indique o momento do desenvolvimento do conflito em que se dá uma outra **complicação**.

28- O que há de inusitado no desfecho da história?

ESPAÇO CRIAÇÃO – O desafio agora é seu! Você deve escrever um CONTO.

Baseie-se nos contos que você já leu. Se precisar, volte a cadernos de apoio anteriores. Suas leituras vão formando um repertório... Use-o.

Para se organizar, pense em cada elemento da narrativa, completando o quadro. Alguns elementos já estão definidos. Fique atento.

	Refleta...	Anote suas ideias. Escreva aqui um primeiro esboço...
NARRADOR	Quem conta a história?	Um narrador observador, em terceira pessoa.
TEMPO	Quando acontecem os fatos?	Descreva esse tempo...

ESPAÇO	Onde se passa a narrativa?	Em uma escola. (Descreva o espaço, dê detalhes. Faça o leitor ter a impressão de que conhece esse lugar...)
PERSONAGENS	Quem vai fazer parte da história? Quem será o protagonista?	Faça um esboço de cada personagem.
ENREDO	O que acontece? (situação inicial, conflito gerador, clímax e desfecho)	

Escreva, no seu caderno, uma primeira versão do seu conto. Título: _____.
Após escrever, volte aqui e oriente-se para a revisão.

Em primeiro lugar, veja se você cumpriu o que foi solicitado pela tarefa.

Repense a estrutura de seu conto: a apresentação está conquistando o leitor?
O conflito gerador é interessante?
E o clímax?
O desfecho está coerente?

Releia o texto, prestando bastante atenção aos elementos de articulação...
Seu texto está coeso?
Por fim, confira a ortografia e a concordância.

Ah, e lembre-se do título!

Agora que você já retomou o gênero conto e até escreveu um, vamos ler trechos de romances diferenciados.



TEXTO 32

O ponto de partida

A casa tinha três quartos, duas salas, banheiro, copa cozinha, quarto de empregada, porão, varanda e quintal.

Que significava o quintal para Eduardo?

Significava chão remexido com pauzinho, caco de vidro desenterrado, de onde teria vindo? Minhoca em duas ainda se mexendo, a existência sempre possível de um tesouro, poças d'água barrenta na época das chuvas, barquinho de papel. Uma formiga dentro, a fila de formigas que ele seguia para ver onde elas iam. Iam ao formigueiro. Um pé de manga-sapatinho, pé de manga-coração-de-boi. Fruta-de-conde, goiaba, gabirola. Galinheiro. A galinha branca era sua, atendia pelo nome:

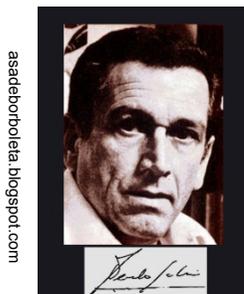
— Eduarda!

Ela se abaixava, deixava-se pegar. Às vezes punha um ovo. Quando Eduardo ia para o Grupo, deixava-a debaixo da bacia. Um dia o pai lhe disse que aquilo era maldade: gostaria que fizessem o mesmo com você? As galinhas também sofrem. Um domingo encontrou Eduarda na mesa do almoço, pernas para o ar, assada. Eduarda foi comida entre lágrimas. É, sofrem mas todo mundo come e ainda acha bom.

Desgostou-se, jurou nunca mais ter galinha na vida.



www.estantevirtual.com



SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

Fernando Sabino nasceu no dia 12 de outubro de 1923, em Belo Horizonte e morreu, no Rio de Janeiro, no dia 11 de outubro de 2004. É considerado um dos maiores cronistas brasileiros de todos os tempos.

Você acabou de ler um trecho do **romance** *O encontro marcado*, de Fernando Sabino. Esse também é um texto de base narrativa. Observe que, além da sequência dos fatos que compõem essa narrativa, existem, também, descrições da casa do personagem, do quintal, da galinha. Então, num texto de base narrativa, podemos encontrar trechos descritivos, que o enriquecem.



Agora, releia o trecho de *O encontro marcado* e responda às questões:

1 - Na leitura do terceiro parágrafo, podemos perceber se o personagem Eduardo é uma criança ou um adulto? Justifique sua resposta.

2 - Que efeito de sentido está presente no 4.º parágrafo “– Eduarda!”?

3 - Compare o final desse trecho de Fernando Sabino com o de Clarice Lispector, **Uma galinha**, lido anteriormente neste caderno. Qual o sentimento do Eduardo (neste conto) e o da menina (no conto de Clarice) com relação à galinha?

TEXTO 33

O Xá do Blá-blá-blá

Era uma vez, no país de Alefbey, uma triste cidade, a mais triste das cidades, uma cidade tão arrasadoramente triste que tinha esquecido até seu próprio nome. Ficava à margem de um mar sombrio, cheio de peixosos — peixes queixosos e pesarosos, tão horríveis de se comer que faziam as pessoas arrotarem de pura melancolia, mesmo quando o céu estava azul.

Ao norte dessa triste cidade havia poderosas fábricas nas quais a tristeza (assim me disseram) era literalmente *fabricada*, e depois embalada e enviada para o mundo inteiro, que parecia sempre querer mais. Das chaminés das fábricas de tristeza saía aos borbotões uma fumaça negra, que pairava sobre a cidade como uma má notícia.

E nas entranhas da cidade, atrás de uma velha zona de edifícios caindo aos pedaços, que mais pareciam corações partidos, vivia um garoto feliz, chamado Haroun, filho único de Rashid Khalifa, o contador de histórias, cuja alegria era famosa em toda aquela infeliz metrópole, e cujo fluxo interminável de histórias *críveis* e incríveis, entrelaçadas e serpenteantes, tinha lhe valido não só um apelido, mas dois. Para seus admiradores ele era Rashid, o Mar de Ideias, tão recheado de histórias gostosas como o mar era recheado de peixosos; mas, para seus invejosos rivais, ele era o Xá do Blá-blá-blá. Para sua mulher, Soraya, Rashid foi por muitos anos o marido mais amoroso que se poderia desejar, e durante todos esses anos Haroun foi criado numa casa onde, em vez de tristeza e rugas na testa, havia o riso fácil do seu pai e a voz doce da sua mãe cantando canções que voavam pelo ar.

Foi então que alguma coisa deu errado (quem sabe a tristeza da cidade acabou penetrando pelas janelas da casa?).

No dia em que Soraya parou de cantar no meio de um verso, como se alguém tivesse desligado uma chave, Haroun imaginou que alguma complicação estava começando. Mas ele nem desconfiava o quanto essa complicação era complicada.

RUSHDIE, Salman. *Haroun e o mar de histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

1- No 1.º parágrafo, aparece uma **gradação**. Transcreva-a.

2- No trecho “assim **me** disseram”, do 2.º parágrafo, a quem se refere o termo destacado?

Você **sabia** ?

Gradação – forma de enumeração ou de exposição em que as palavras ou ideias são organizadas de forma crescente ou decrescente.



3- Que sentido há em dizer que a tristeza era “**literalmente fabricada**”, no 2.º parágrafo?

4- Que características há na cidade em que se passam os fatos narrados?

5- A que são comparados os edifícios caindo aos pedaços, no 3.º parágrafo?

6- No trecho “Das chaminés das fábricas de tristeza saía aos borbotões uma fumaça negra, **que** pairava sobre a cidade como uma má notícia.”, a que se refere o termo destacado?

7- No trecho “[...] e cujo fluxo interminável de histórias **críveis** e incríveis, entrelaçadas e serpenteantes, tinha lhe valido não só um apelido, mas dois.”, podemos deduzir que **críveis** significa _____

8- Compare os nomes dados a Rashid Khalifa por seus admiradores e por seus invejosos rivais. Como cada um desses grupos o descreve?

9- Que contraste havia entre a cidade e a casa de Haroun?

10- Transcreva do texto a expressão temporal que marca o momento em que começa a “**complicação complicada**”.

O trecho que você acabou de ler é de um romance, “*Haroun e o mar de histórias*”. Você percebeu como o texto termina fazendo suspense? Que **complicação complicada** será essa? Vá até a Sala de Leitura e procure o livro... Você vai se encantar!



www2.uol.com.br/



companhiadasletras.com.br

O próximo texto é o trecho inicial do romance Era uma vez Dom Quixote, uma adaptação da obra Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, obra considerada um **clássico**!

TEXTO 34

Dom Quixote

Tremei, gigantes do mundo!

Com certeza, vocês já ouviram falar de Dom Quixote. Contam que viveu há muitos séculos em uma aldeia de La Mancha, entre campos de trigo e moinhos de vento. O que talvez vocês não saibam é que Dom Quixote não se chamava assim desde criança pois, na verdade, havia sido batizado com o nome de Alonso Quijano. Até fazer cinquenta anos, a ideia de ter outro nome nem passou pela cabeça do senhor Alonso. Porém, um belo dia, decidiu fazer-se cavaleiro andante, e para isso pôs em si mesmo o nome de Dom Quixote de La Mancha. A partir daquele momento, sua vida mudou para sempre.

Tudo começou por culpa dos livros. O senhor Alonso adorava ler. Gostava de poemas de amor e de romances de pastores, de histórias de viagens e dos versos que falam de mouros e cristãos. Mas o que o punha louco mesmo eram os livros de cavalaria. Hoje, ninguém mais lê esses livros, mas na época de Dom Alonso eram o maior sucesso.

Os livros de cavalaria contavam as aventuras de sujeitos muitíssimo valentes que se faziam chamar de “cavaleiros andantes”. iam pelas estradas a cavalo, com uma lança na mão, uma espada pendurada no cinto e um escudo apertado contra o peito. Procuravam criaturas perversas a quem derrotar e órfãos e viúvas a quem defender. Dormiam nos bosques sob um manto de estrelas e sonhavam com lindas princesas a quem haviam jurado amor eterno. E não passavam nem um dia sem lutar contra algum bando de arruaceiros, contra um feiticeiro que os tivesse perseguindo ou contra um dragão cuspidor de fogo. Um bom cavaleiro andante estava disposto a dar a vida pelos outros e não temia nem a morte em pessoa. Certa vez, o cavaleiro Brandibarbado das Brancas Mãos deu de cara no meio do bosque com um gigante alto como uma torre, que lhe disse aos berros:

–Venha aqui, cavaleiro, e lute comigo se se atreve!

E claro que ele se atreveu! Brandibarbado sacou a espada, saltou no pescoço do gigante e o despachou para o outro mundo num piscar de olhos. Ah! A vida dos cavaleiros andantes era maravilhosa! Ou, pelo menos, assim pensava o senhor Alonso Quijano.

[...]

Você sabia?

Um **clássico** é um livro que não envelhece. São aquelas obras que foram lidas também por nossos pais e avós e que, com certeza, ainda serão lidas por nossos filhos e netos. Simples: na medida em que a obra sobreviveu no tempo, foi acumulando, ao longo de anos e anos, um grande número de leitores. Claro que para se tornar modelo e atrair tantos leitores, o clássico sempre apresenta uma grande história, capaz de comover as pessoas.

In Dom Quixote. Miguel de Cervantes. Adaptado por Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Escala Educacional, 2004.



sparknotes.com

O fato é que o senhor Alonso gostava tanto dos livros de cavalaria que deixou de comer e de dormir, para ficar só lendo. [...] – Serei um cavaleiro andante!

Me chamarei Dom Quixote de La Mancha e irei pelas estradas em busca de aventuras. Em dois dias, matarei mais gigantes do que o Imperador Carlos Magno em toda sua vida. E os órfãos e as viúvas me beijarão os pés, de tanta ajuda que vou lhes dar!

Não havia dúvida: Dom Alonso estava louco de pedra! Na idade dele, melhor seria dar uma voltinha no campo, sair para conversar com o padre e com o barbeiro da sua aldeia, tomar sopa quente e dormir muito.

CERVANTES, Miguel de. *Era uma vez Dom Quixote*. Adaptação de Agustín Sánchez Aguilar. Tradução de Marina Colasanti. São Paulo: Global, 2005.

1- A quem se refere a palavra **vocês**, no 1.º parágrafo do texto?

2- Que expressão, no 1.º parágrafo, revela que o narrador sabe que seus leitores já ouviram falar de Dom Quixote?

3- Por que Alonso Quijano resolveu mudar de nome?

4- Que fato desencadeou a mudança na vida de Alonso Quijano, levando-o a querer se tornar um cavaleiro andante?

5- Em que parágrafo são relatadas as ações dos cavaleiros andantes num livro de cavalaria?

6- No 5.º parágrafo, pode-se perceber uma característica de Alonso Quijano, o Dom Quixote. Que característica é essa? Justifique sua resposta.

7- Qual o significado de “num piscar de olhos”? (5.º parágrafo).

8- Que consequências teve na vida de Alonso o fato de ele gostar muito de livros de cavalaria?

TEXTO 35 Dom Quixote em quadrinhos?! Vamos ver como é que é?

A VENTURA VAI GUIANDO AS NOSSAS COISAS MELHOR DO QUE PUDÉRAMOS DESEJAR, POIS VÊ LAÍ, AMIGO SANCHO PANÇA, AQUELES TRINTA OU POUCO MAIS DESAFORADOS GIGANTES, COM OS QUAIS PENSO TRAVAR BATALHA E TIRAR DE TODOS A VIDA, COM CUJOS DESPOJOS COMEÇAREMOS A ENRIQUECER, POIS ESTA É A BOA GUERRA, E É GRANDE SERVIÇO DE DEUS VARRER TÃO MÁ SEMENTE DA FACE DA TERRA



QUE GIGANTES?



AQUELES QUE ALI VÊS, DE LONGOS BRAÇOS, QUE ALGUNS CHEGAM A TÊ-LOS DE QUASE DUAS LÉGUAS



VEJA VOSSA MERCÊ QUE AQUELES QUE ALI APARECEM NÃO SÃO GIGANTES, E SIM MOINHOS DE VENTO, E O QUE NELES PARECEM BRAÇOS SÃO ASAS, QUE, EMPURRADAS PELO VENTO, FAZEM RODAR A PEDRA DO MOINHO.



LOGO SE VÊ QUE NÃO ÉS VÊRSADO EM COISAS DE AVENTURA: SÃO GIGANTES, SIM; E, SE TENS MEDO, APARTA-TE DAQUI E PÔE-TE A REZAR NO ESPAÇO EM QUE VOU COM ELES ME BATER EM FERA E DESIGUAL BATALHA!



E, ISTO DIZENDO, DEU DE ESPORAS EM SEU CAVALO ROCINANTE, SEM ATENTAR ÀS VOZES QUE SEU ESCUDEIRO LHE DAVA, ADVERTINDO-LHE QUE SEM DÚVIDA ALGUMA ERAM MOINHOS DE VENTO, E NÃO GIGANTES, AQUELES QUE IA ACOMETER.



Você acabou de ler uma página de Dom Quixote, em quadrinhos, da editora Peirópolis (2005). Nesse livro, nos traços bem-humorados de Caco Galhardo, o leitor poderá visitar as passagens mais significativas do clássico de Cervantes, desde as reflexões iniciais que remetem à transformação do pacato fidalgo no visionário cavaleiro andante, herói cujas aventuras atravessaram os séculos, até as grandes batalhas, com destaque para a famosa luta com os moinhos de vento, que ocupa dez páginas desta adaptação em HQ.

Adaptado de www.livraria.folha.com.br

Observe que, nessa página destacada da HQ, aparece o personagem Sancho Pança, fiel escudeiro de Quixote.

1- No primeiro quadrinho, Dom Quixote vê moinhos de vento. Para ele, quem são esses moinhos?

2- Quem o adverte de que o que vê são apenas moinhos de vento?

3- Retire do texto a explicação que Sancho Pança dá a Dom Quixote para convencê-lo de que o que ele vê são moinhos de vento e não gigantes.

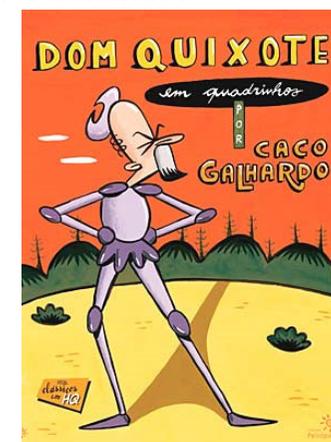
4- Quando se pode perceber que Dom Quixote não concorda com a forma objetiva de Sancho Pança ver o mundo?

5- Que palavra, no 4.º quadrinho, não é mais usada no português atual do Brasil? O que ela significa?

6- Nessa página de Dom Quixote, em apenas um quadrinho, aparece o narrador. Que quadrinho é esse? O que marca, no quadrinho, a fala do narrador?



Dom Quixote e Sancho Pança



Essa canção se relaciona à história de Dom Quixote... Leia sua letra.

TEXTO 36

Sonho impossível

J. Darion - M. Leigh – Versão de Chico Buarque e Ruy Guerra/1972 para o musical *O Homem de La Mancha*, de Ruy Guerra.

Sonhar
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz
E amanhã, se esse chão que eu beije
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão

http://www.chicobuarque.com.br/letras/sonhoimp_72.htm

Para ouvir a canção, acesse
<http://youtu.be/agXqzYVEeGM>

Agora que você acabou de ler a letra da canção, responda:

1- No 1.º e 2.º versos, existe uma ideia de oposição, de adversidade. Que conectivo marca essa ideia?

2- Diga em que versos o eu poético expressa sua ideia de “sonho impossível”, identificando-os ao logo da letra da canção.

3- Explique o sentido da palavra VIRAR, no 12.º verso, “Virar esse mundo”.

4- Que palavras antagônicas, opostas, aparecem nos versos 16 e 17?

5- Qual o tema dessa canção?

6- Qual a relação entre essa canção e a personalidade de Dom Quixote?



wikipedia.org/wiki/Honoré_Daunter

Agora, você vai ler três textos do mesmo gênero, de assuntos diferentes, e que também exploram recursos interessantes da nossa língua. Ao ler, vá definindo o gênero... Você já o conhece!



TEXTO 37 Os resistentes

Luis Fernando Verissimo

Não sucumbi ao telefone celular. Não tenho e nunca terei um telefone celular. Quando preciso usar um, uso o da minha mulher. Mas segurando-o como se fosse um grande inseto, possivelmente venenoso, desconhecido da minha tribo.

Eu não saberia escolher a musiquinha que o identifica. Aquela que, quando toca, a pessoa diz “é meu!”, e passa a procurá-lo freneticamente, depois o coloca no ouvido, diz “alô” várias vezes, aperta botões errado, desiste e desliga, para repetir toda a função quando a musiquinha toca outra vez.

Não sei, a gente escolhe a musiquinha quando compra o celular?

— Tem aí um Beethoven?

— Não. Mas temos as quatro estações de Vivaldi.

— Manda a primavera.

Porque a musiquinha do seu celular também identifica você. [...]. Você muitas vezes só sabe com quem realmente está quando ouve o seu celular tocar, e o som do seu celular diz mais a seu respeito do que você imagina. Se bem que, na minha experiência, a maioria das pessoas escolhe músicas galopantes [...] apenas para já colocá-la no adequado espírito de urgência, ou pânico controlado, que o celular exige.

Sei que alguns celulares ronronam e vibram discretamente, em vez de desandarem a chamar seus donos com música. Infelizmente, os donos nem sempre mostram a mesma discrição. Não é raro você ser obrigado a ouvir alguém tratando de detalhes da sua intimidade ou dos furúnculos da tia Djalmira a céu aberto, por assim dizer. É como nos fazem os fumantes, só que em vez do nosso espaço aéreo ser invadido por fumaça indesejada, é invadido pela vida alheia. Que também pode ser tóxica.

Não dá para negar que o celular é útil, mas no caso a própria utilidade é angustiante. O celular reduziu as pessoas a apenas extremos opostos de uma conexão, pontos soltos no ar, sem contato com o chão. Onde você se encontra tornou-se irrelevante, o que significa que em breve ninguém mais vai se encontrar. E a palavra “incomunicável” perdeu o sentido. Estar longe de qualquer telefone não é mais um sonho realizável de sossego e privacidade — o telefone foi atrás.

Não tenho a menor ideia de como funciona o besouro maldito. E chega um momento em que cada nova perplexidade com ele torna-se uma ofensa pessoal, ainda mais para quem não entendeu bem como funciona torneira.

Ouvi dizer que o celular destrói o cérebro aos poucos. Nos vejo — os que não sucumbiram, os últimos resistentes — como os únicos são num mundo imbecilizado pelo micro-ondas de ouvido, com os quais as pessoas trocarão grunhidos pré-históricos, incapazes de um raciocínio ou de uma frase completa, mas ainda conectados. Seremos poucos mas nos manteremos unidos, e trocaremos informações. Usando sinais de fumaça.

O Globo, 3 de maio de 2012.

1- Qual o significado de sucumbir, no primeiro parágrafo?

2- No trecho “Quando preciso usar um, uso o da minha mulher.”, no primeiro parágrafo, a que se refere o termo destacado?

3- Retire do 1.º e do 3.º parágrafos do texto trechos que revelam a pouca intimidade do cronista com o celular.

4- A que se referem os termos destacados em “É como nos fazem os fumantes, só que em vez do nosso espaço aéreo ser invadido por fumaça indesejada, é invadido pela vida alheia. Que também pode ser tóxica.” (8.º parágrafo)

5- Identifique como FATO ou como OPINIÃO os seguintes trechos do texto:

a) “Quando preciso usar um, uso o da minha mulher.” (1.º parágrafo).

b) “Que também pode ser tóxica.” (8.º parágrafo). _____

b) “Nos vejo – os que não sucumbiram, os últimos resistentes – como os únicos sãos num mundo imbecilizado pelo micro-ondas de ouvido, [...]” (último parágrafo). _____

6- Cite uma consequência do uso do celular, segundo o 9.º parágrafo do texto.

7- A quem se refere o termo destacado em “Nos vejo”, no último parágrafo?

8- Qual a crítica aos usuários do telefone celular presente no último parágrafo?

Para saber mais...

Você percebeu que, em vários momentos do texto, o celular é associado a outros elementos, figuradamente?

Veja só: “Não tenho a menor ideia de como funciona o besouro maldito”.

“[...] num mundo imbecilizado pelo micro-ondas de ouvido”.

Nos dois casos ocorre metáfora.

METÁFORA – figura de linguagem em que um termo é usado no lugar de outro, com um sentido incomum, surgido por semelhança, por associação de ideia, entre esses dois termos.

Já no trecho: “– Tem aí um Beethoven?”, temos uma metonímia.

METONÍMIA – figura de linguagem em que um termo é substituído por outro, havendo entre eles uma relação de inclusão, interdependência ou implicação. No exemplo, ocorre o uso do autor pela obra.

TEXTO 38

Estranhas gentilezas

Caminhões baixam os faróis, mulheres sorriem. Muito suspeito

Ivan Angelo

Estão acontecendo coisas estranhas. Sabe-se que as pessoas nas grandes cidades não têm o hábito da gentileza. Não é por ruindade, é falta de tempo. Gastam a paciência nos ônibus, no trânsito, nas filas, nos mercados, nas salas de espera, nos embates familiares, e depois economizam com a gente.

Comigo dá-se o contrário, é o que estou notando de uns dias para cá. Tratam-me com inquietante delicadeza. Já captava aqui e ali sinais suspeitos, imprecisos, ventinho de asas de borboleta, quase nada. A impressão de que há algo estranho tomou corpo mesmo foi na semana passada. Um vizinho que já fora meu amigo telefonou-me desfazendo o engano que nos afastava, intriga de pessoa que nem conheço e que afinal resolvera esclarecer tudo. Difícil reconstruir a amizade, mas a inimizade morria ali.

Como disse, eu vinha desconfiando tenuemente de algumas amabilidades. O episódio do vizinho fez surgir em meu espírito a hipótese de uma trama, que já mobilizava até pessoas distantes. E as próximas?

Tenho reparado. As próximas telefonam amáveis, sem motivo. Durante o telefonema fico aguardando o assunto que estaria embrulhado nos enfeites da conversa, e ele não sai. Um número inesperado de pessoas me cumprimenta na rua, com acenos de cabeça. Mulheres, antes esquivas, sorriem transitáveis nas ruas dos Jardins. Num restaurante caro da Rua Amauri, o maître, com uma piscadela, fura a demorada fila de executivos à espera e me arruma rapidinho uma mesa para dois. Um homem de pasta que parecia impaciente à minha frente me cede o último lugar no elevador. O jornalista larga sua banca na Avenida Sumaré e vem ao prédio avisar-me que o jornal chegou. Os vizinhos de cima silenciam após as 10 da noite.

Caminhões baixam a luz dos faróis quando cruzam comigo na Via Anhanguera. Motoristas, mesmo mulheres, cedem-me a preferência nas esquinas. Vendedores de bugigangas nos faróis de trânsito passam direto pelo meu carro, sem me olhar. Até crianças me cumprimentam cúmplices: oi, tio.

Que está acontecendo? Quem e por que está querendo me convencer de que as pessoas são um doce? Penso: não são gentilezas, são homenagens aos meus cabelos brancos, por eu ter aguentado tanto, como se fosse um atleta de maratona, daqueles retardatários que são mais aplaudidos na chegada que os vencedores.

A última manobra: botaram um pintassilgo a cantar para mim na árvore em frente à janela do meu apartamento de 2.º andar.

Que significa isso? Que querem comigo? Que complô é esse? Que vão pedir em troca de tanta gentileza?

Aguardo, meio apreensivo, meio feliz.

Interrompo a crônica nesse ponto, saio para ir ao banco, desço pelas escadas porque alguém segura o elevador lá em cima, o segurança do banco faz-me esvaziar os bolsos antes de entrar pela porta giratória, enfrento a fila do caixa, não aceitam cheques de outra pessoa para pagar contas, saio xingando do banco, atravesso a avenida arriscando a vida entre bólidos, um caminhão respinga-me a água suja de uma poça, entro no apartamento, sento-me ao computador e ponho-me de novo a sonhar.

Veja São Paulo, 2 de junho de 1999.

1- No 1.º parágrafo do texto, após expressar sua estranheza diante de acontecimentos, o narrador expressa uma certeza, parte de uma premissa, para pensar sobre os acontecimentos. Transcreva o trecho que contém essa premissa.

2- Que expressões são usadas, no texto, para construir a ideia de que a gentileza e a delicadeza não são normais, comuns, nos dias atuais?

3- Indique uma das causas da falta de gentileza das pessoas das grandes cidades, segundo o texto.

4- No 2.º parágrafo, o narrador faz uso de uma **metáfora**, uma expressão usada por semelhança com “quase nada, algo difícil de se notar, quase imperceptível”. Transcreva essa expressão.

5- Como ficou a relação do narrador com o vizinho? (2.º parágrafo)

6- O que significa dizer que um assunto estaria “embrulhado nos enfeites da conversa”? (4.º parágrafo)

7- Cite duas gentilezas contadas pelo narrador.

8- Por que o narrador se sentia “meio apreensivo, meio feliz”? (9.º parágrafo)

9- O que se esclarece no desfecho da crônica? (último parágrafo).

PARA SABER MAIS...

“Premissa – ideia da qual se parte para estabelecer um raciocínio; postulado.”

Dicionário Escolar da Língua Portuguesa/Academia Brasileira de Letras. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.



TEXTO 39

Qualidade de vida

Martha Medeiros

Os anos 90 insistiram numa ideia que virou sonho de consumo de todo mundo: qualidade de vida. Até hoje dá vontade de entrar numa loja e perguntar: tem qualidade de vida? Provavelmente nos responderiam que está em falta, muita procura, mas pode deixar encomendado.

Qualidade de vida, se pudesse ser filmada, teria a cara de um comercial de margarina. Família bela e saudável, uma casa aconchegante, um dia de sol, café da manhã farto, papai empregado e filhos na escola. Qualidade de vida é um modelo de comportamento, qualidade de vida é um carro com um bagageiro enorme.

E a qualidade das nossas emoções? Compra-se também. As mais fortes são as que têm mais saída. Tudo pelo preço de um ingresso de cinema.

As pessoas têm estado cansadas demais para produzir seus próprios sentimentos. Assustadas demais para olhar para dentro. Confusas demais para reconhecer seus medos e desejos. Passivas demais para transformar tudo o que sentem em ativo. Procuram artigos prontos em vez de fabricá-los.

Qualidade não vem com facilidade, não conquistamos com um estalar de dedos. Qualidade, essa palavra difícil de conceituar, só se consegue fazendo as coisas com amor, e eu mesma não me suporto dizendo uma coisa tão piegas, mas é que a pieguice tem lá seu cabimento e às vezes exige nossa rendição. Não há qualidade sem tratamento, sem olho atento, sem uma bela intenção.

Qualidade é tudo o que a gente ordena sem precisar gritar, é a maneira educada com que nos relacionamos com as pessoas, é o cumprimento de nossas tarefas com responsabilidade, é o compromisso que estabelecemos com a gente mesmo de fazer as coisas da maneira menos estabonada.

Qualidade é a verdade dos fatos, é não teatralizar a vida. É reconhecer-se humilde diante das nossas falhas, tantas. E tentar errar menos.

Qualidade é viver de acordo com nossas possibilidades, administrar a vida com a humanidade de que dispomos, chorar de ódio por sermos vulneráveis, mas pensar que melhor isso do que não termos sensibilidade alguma.

Qualidade é amor que se sustenta, é amizade que não é um blefe, é confiança que não é traída, é demonstrar o que se sente, apertar a mão com firmeza, dizer não e dizer sim com a mesma honestidade, é a inocência de uma fé generalizada e crença na própria natureza.

Parece uma oração, eu que sou quase agnóstica. Mas é isso. Qualidade é tudo o que não se desmancha facilmente.

MEDEIROS, Martha. *Non-stop. Crônicas do cotidiano*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Perceba aqui um tom de crítica... Algo que pudesse ser vendido ou filmado é concreto ou abstrato?

Observe que há várias definições para qualidade... O que elas têm em comum?

1- Qual é a primeira definição de qualidade de vida, dentro de uma ideia não consumista, que aparece no texto?

2- Em que parágrafos da crônica relaciona-se qualidade de vida a consumismo?

3- No quarto parágrafo, que situações caracterizam as pessoas e reforçam a ideia de que elas “Procuram artigos prontos em vez de fabricá-los.”?

4- Qual o sentido de “estalar os dedos”, no quinto parágrafo do texto?

5- Que frase do texto a cronista considera piegas?

6- A que se referem os termos destacados em “E a qualidade das nossas emoções? Compra-se também. **As** mais fortes são **as** que têm mais saída. **Tudo** pelo preço de um ingresso de cinema.” (terceiro parágrafo)

7- Qual é o tema do texto?

8- Retire do texto um trecho que revele ironia.



Certamente você já reconheceu o gênero **CRÔNICA**.

Relembre o que você estudou no oitavo ano:

“A crônica é um gênero literário produzido para ser veiculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se, assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem.

Em regra geral, *a crônica é um comentário leve e breve sobre algum fato do cotidiano. Algo para ser lido enquanto se toma o café da manhã*, na feliz expressão de nosso grande cronista, Fernando Sabino. O comentário pode ser poético ou irônico, e sempre sobre fatos cotidianos, corriqueiros, nos quais o cronista surpreende a beleza, a comicidade, os aspectos singulares.

Com relativa frequência, a crônica se aproxima do conto. O gosto pela história curta, pelo diálogo ágil, pela narrativa de final imprevisto e surpreendente e a unidade de ação, tempo e espaço levam vários cronistas à prática mais ou menos disfarçada do conto.”

<http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/2003/01/20/001.htm> (Adaptado)



‘O que quer, o que pode essa língua’, já dizia Caetano Veloso na música *Língua*. Na última sequência de textos, essa língua pode nos fazer...rir!
Para ouvir a música de Caetano, acesse o link <http://letras.mus.br/caetano-veloso/44738/>.

TEXTO 40

Rui Barbosa, ao chegar a sua casa, ouviu um barulho esquisito vindo do seu quintal.

Chegando lá, constatou que havia um ladrão tentando levar seus patos de criação. Aproximou-se vagarosamente do indivíduo, surpreendeu-o tentando pular o muro com seus amados patos.

Batendo nas costas do tal invasor, disse-lhe:

— Ó bucéfalo, não é pelo valor intrínseco dos bípedes palmípedes e sim pelo ato vil e sorrateiro de adentrares a minha residência. Se fazes isso por necessidade, transijo; mas se é para zombares de minha alta prosopopeia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com minha bengala fosfórica no alto de tua sinagoga que reduzir-te-á à quinquagésima potência que o vulgo denomina nada.

E o ladrão, confuso, disse:

— Ó moço, eu levo ou deixo os patos?

Adaptado de www.proeducativa.com

1 - Por que o ladrão fica confuso?

2 - Pelo modo de falar, como você caracteriza Rui Barbosa?

3 - O que provoca o humor no texto?

4 - Como vocêalaria atualmente, informalmente, de forma a ser compreendido perfeitamente pelo ladrão? Imagine e reescreva a fala de Rui Barbosa, no texto, atualizando a linguagem, dando-lhe informalidade, tornando-a adequada à situação.

Observe que o texto de Rui Barbosa apresenta traços de humor ao contar uma história em que a variação da nossa língua aparece concretizada.

O assunto é... humor!

Os textos de humor, em geral, veiculam informações de forma sintética, afinal, não é nem um pouco engraçado explicar a piada, não é?

Então, cabe a você, leitor, compreender o que não foi dito explicitamente, seguindo as pistas que o texto dá e trazendo para a leitura seus conhecimentos.

Um cuidado importante que devemos ter com os textos de humor é o de compreender que eles, muitas vezes, lidam com estereótipos* ou mesmo com preconceitos. Desse modo, é preciso ficar atento para fazer uma leitura crítica, questionando os preconceitos e estereótipos. Muitas vezes a piada mais engraçada não tem graça nenhuma...

Ao ler um texto de humor o leitor precisa perceber se está em jogo alguma duplicidade de sentido, para detectar os dois sentidos, colocar de lado o mais óbvio e compreender o menos óbvio.

O efeito surpresa, a quebra de expectativa, é fundamental para se conseguir produzir humor.

*estereótipo – ideia preconcebida; padrão; clichê.

TEXTO 41

- Mamãe, que significa a expressão « os opostos se atraem » ?
- Significa que você vai se casar com uma mulher bonita, inteligente e de grande personalidade.

POSSENTI, Sirio. *Os humores da língua*. Mercado de Letras, 1998.

- 1 - Pela resposta da mãe, podemos perceber o que ela pensa sobre o filho? Explique.

TEXTO 42



<http://www.uninganews.com.br/?pg=edicao&id=61>

- 1 - Qual o significado da expressão do paciente?

- 2 - O remédio que o médico receita é o que o paciente esperava? Explique.



Agora, convidamos você a ler tirinhas de uma personagem muito especial: a Mafalda! Ela foi criada pelo cartunista Quino e está completando cinquenta anos em 2014. Perceba o humor especial dessa menina que leva o leitor a muitas reflexões.

TEXTO 43



QUINO, J.L. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

1 – Qual o significado das aspas no primeiro quadrinho?

2 – Observe o quadrinho 2: o formato do balão, a expressão da Mafalda e o uso das reticências expressam o quê?

3 – Que crítica pode-se perceber na tirinha?

TEXTO 44



QUINO, J.L. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

1 – Qual o sentido da palavra “veículo” que Mafalda utiliza na tirinha? É o mesmo sentido utilizado pelo seu amigo?

2 – Qual o tema da tirinha?

3 – Que marcas não verbais são significativas no terceiro quadrinho e que ideia elas reforçam?

TEXTO 45



QUINO, J.L. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

1- Nesta tirinha, observe especialmente a linguagem não verbal: o que significa o modo como Mafalda aparece no segundo quadrinho?

2- Qual o tema da tirinha?

TEXTO 46



QUINO, J.L. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

1 – No terceiro quadrinho, o que acontece com Mafalda?

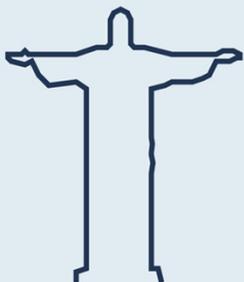
2 - A partir do comentário feito por Mafalda no último quadrinho pode-se inferir que ela concorda com a Mãe? Explique.

Querido aluno,
Siga lendo bastante!
Vamos nos ver no próximo caderno.

Até lá!



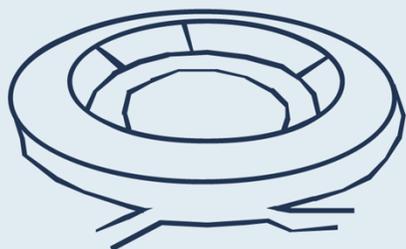
Pão de Açúcar



Cristo Redentor



Hangar do Zeppelin



Maracanã

Dicas de estudo

- Tenha um espaço próprio para estudar.
- O material deve estar em ordem, antes e depois das tarefas.
- Escolha um lugar para guardar o material adequadamente.
- Brinque, dance, jogue, pratique esporte... Movimente-se! Escolha hábitos saudáveis.
- Estabeleça horário para seus estudos.
- Colabore e auxilie seus colegas em suas dúvidas. Você também vai precisar deles.
- Crie o hábito de estudar todos os dias.
- Consulte o dicionário sempre que precisar.
- Participe das atividades propostas por sua escola.
- Esteja presente às aulas. A sequência e a continuidade do estudo são fundamentais para a sua aprendizagem.
- Tire suas dúvidas com o seu Professor ou mesmo com um colega.
- Respeite a si mesmo, a todos, a escola, a natureza... Invista em seu próprio desenvolvimento.

Valorize-se! Você é um estudante da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Ao usar seu uniforme, lembre-se de que existem muitas pessoas, principalmente seus familiares, trabalhando para que você se torne um aluno autônomo, crítico e solidário. Acreditamos em você!